

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Amor na contemporaneidade: uma perspetiva psicanalítica
sobre a influência da sociedade narcisista nas relações
amorosas**

Jessica Santa Rita Silva

Orientador(es) | Isabel Maria Mesquita

Nuno Rebelo dos Santos

Évora 2025



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Amor na contemporaneidade: uma perspetiva psicanalítica
sobre a influência da sociedade narcisista nas relações
amorosas**

Jessica Santa Rita Silva

Orientador(es) | Isabel Maria Mesquita

Nuno Rebelo dos Santos

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Constança Biscaia (Universidade de Évora)

Vogais | Isabel Maria Mesquita (Universidade de Évora) (Orientador)
José de Abreu Afonso (Instituto Superior de Psicologia Aplicada) (Arguente)

Agradecimentos

Escrever é sempre um grande desafio, é colocar no mundo de forma concreta algo que nos habita internamente. Escrever sobre o amor, posso dizer, é ainda tarefa mais difícil. Escrever sobre o amor sentindo saudade de casa e dos amores que colorem a vida se tornou caminho carregado de desafios, mas também de muita beleza. Pois experimentei presenças possíveis de amores e descobri amores novos nessa terra que não é minha, mas agora também faz parte de mim. Encerrando esse importante ciclo, quero tecer alguns agradecimentos às pessoas que fizeram essa trajetória de viver, pensar e escrever sobre o amor, possível e realizável. São muitos aqueles que atravessaram essa jornada, mas aqui menciono alguns poucos numa tentativa de simbolizar estes que são tantos.

Primeiramente agradeço a minha família, que me apoiou, incentivou, acolheu e acreditou em mim em tantos momentos que pensei que não seria possível continuar. Agradeço aos meus amigos que moram no Brasil, que mesmo distantes fisicamente, se fizeram presentes em momentos fundamentais. Sou grata a toda amizade e apoio vividos no aconchego fraterno do Gian Tristão, Ana Gouvea, Tânia Ferreira, Matheus Martinez, Beatriz Zilli. Obrigada por todo acolhimento e carinho!

Agradeço a minha turma de mestrado da Universidade de Évora, que me acolheu com tanto afeto e me fez sentir parte desse grupo. Em especial, agradeço a Leonor Matias, Diana Freitas e Alexandre André por acompanharem de perto os desafios desse caminho e em vários momentos contribuíram com esse percurso.

Sou imensamente grata aos encontros que tive em Évora. A vida foi generosa comigo e em meio a saudades e desafios trouxe-me presenças que me fizeram sentir em casa, e se tornaram família aqui. Agradeço a Suellen Bittencourt e Guilherme Oliveira, que foram tão cuidadosos e atenciosos comigo sempre. Agradeço a Aline Souza, essa amiga brasileira que encontrei nesses percursos acadêmicos e é alguém que tem me ensinado tanto, seja sobre as teorias da psique como sobre mim mesma.

Viver aqui me trouxe encontros especiais. Sou grata às minhas amigas de casa Lara Prior, Gabriela Almeida e Joana Abreu que têm me divertido tanto nessa vida compartilhada e me ensinam tanto de diversas maneiras. Que maravilhoso foi dividir casa e vida com vocês!

Agradeço aos participantes com quem pude conversar e que abriram espaços importantes de suas histórias, confiando na minha escuta e me levando a refletir mais sobre esse tema que me é tão importante.

Agradeço a minha orientadora professora Isabel Mesquita, por acolher minha dissertação ainda quando era uma pequena ideia que surgiu enquanto eu estava no Brasil.

A trajetória acadêmica não é um caminho fácil. Tal como na clínica, é um percurso de solidão, embates internos e espaço de muita transformação e reflexão. Temos de ir para dentro para depois conseguir estar fora. E nesse processo, encontrei desafios que pensei serem intransponíveis. O que tornou possível continuar a caminhar foi o apoio e acolhimento de professores e mestres que no seu saber que transcende o campo intelectual científico, me ensinaram tanto. Agradeço ao meu coorientador professor Nuno Rebelo, pela disponibilidade e tamanha sensibilidade em me acompanhar nessa trajetória de escrita. Professor Nuno, obrigada por se fazer presente com tanto sentido e sabedoria! Agradeço ao meu eterno professor e grande amigo Alexandre Saadeh, que me acompanha e acolhe desde os tempos da graduação e que com seu olhar generoso e afetuoso sempre se faz presente em momentos importantes da minha vida. Agradeço a minha analista Juliana que fez dessa trajetória uma experiência mais rica e carregada de beleza, reflexão e Alma.

Por fim, agradeço à minha sobrinha Clara, que mesmo sendo tão pequenina, trouxe muita força e coragem para meus momentos mais difíceis. Que aprendeu a interagir comigo pelas telas, para se fazer presente e alegrar muitos dos meus dias com seu lindo sorriso. Agradeço e ofereço a ela esse percurso, que a tia e madrinha que atravessa o oceano para seguir seus sonhos, possa ser uma pequena referência que ela também tem força e espaços para viver os dela.

E mais uma vez, agradeço aos meus familiares, amigos do Brasil, amigos de Portugal, por me levarem a viver o amor em sua mais bela faceta. Como diz Ana Suy, muitas vezes o amor dos nossos amigos nos salva, e vocês me salvaram muitas vezes. O amor é meu tema de pesquisa, e o amor de vocês foi a minha força e combustível para continuar a caminhar. Muito obrigada!

Amor na contemporaneidade: uma perspectiva psicanalítica sobre a influência da sociedade narcisista nas relações amorosas

Resumo

Este estudo investiga a influência da sociedade narcisista nas relações amorosas contemporâneas sob uma perspectiva psicanalítica, buscando analisar o papel do narcisismo na experiência subjetiva do amor. Para isso, foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo, com auxílio do *software* NVivo, a partir de narrativas de 17 participantes adultos portugueses. Os resultados apontam uma predominância do narcisismo vulnerável, caracterizado pela busca constante de reconhecimento e pelo medo da rejeição, em detrimento da grandiosidade. Além disso, observa-se uma tensão entre o desejo de segurança e a preservação da individualidade nas relações amorosas. Embora os participantes aspirem a vínculos significativos, também demonstram receio de que o compromisso possa comprometer sua autonomia. Apesar da efemeridade das relações na contemporaneidade, os ideais do amor romântico seguem presentes no imaginário coletivo. Os achados sugerem que o amadurecimento emocional no amor exige a superação da dependência narcísica e relações baseadas na reciprocidade e na alteridade.

Palavras-chave: Narcisismo; relações amorosas; alteridade; sociedade narcisista; Psicanálise.

Love in contemporary times: a psychoanalytic perspective on the influence of narcissistic society on romantic relationships

Abstract

This study examines the influence of a narcissistic society on contemporary romantic relationships from a psychoanalytic perspective. It aims to analyze the role of narcissism in the subjective experience of love. A qualitative content analysis was conducted using NVivo *software* to examine narratives from 17 adult Portuguese participants. The findings indicate a predominance of vulnerable narcissism, marked by a constant need for recognition and fear of rejection, rather than grandiosity. The study also highlights the tension between the desire for security and the need for individuality in romantic relationships. While participants seek meaningful connections, they also express concerns that commitment may threaten their autonomy. Despite the transient nature of contemporary relationships, romantic ideals persist in the collective imagination. The findings suggest that emotional growth in love requires transcending narcissistic dependence and fostering relationships based on mutual recognition and otherness.

Keywords: Narcissism; romantic relationships; otherness; narcissistic society; Psychoanalysis

Índice

1.	Introdução.....	10
1.1	Contextualização do Tema.....	10
1.2	Problematização e Justificativa	11
1.3	Objetivos da Pesquisa.....	11
2.	Enquadramento teórico-conceitual.....	12
2.1	Definição do Conceito de Narcisismo: Origem e evolução do conceito.....	12
2.2	Narcisismo saudável <i>versus</i> patológico.....	17
2.3	Narcisismo na contemporaneidade.....	19
3.	Relações Amorosas no Contexto da Sociedade Narcísica.....	20
3.1	Caracterização da Sociedade Narcisista	20
3.2	Individualismo e efemeridade dos vínculos afetivos.....	26
4.	As relações amorosas e sua importância para a constituição psíquica.....	31
5.	Método.....	33
5.1	Tipo de Estudo.....	33
5.2	Participantes	34
5.3	Instrumentos	34
5.4	Procedimentos	34
5.5	Tratamento dos Dados	35
6.	Resultados: Análise e Discussão	35
6.1	Sistema de categorias de análise.....	36
6.2	Análise da distribuição dos Tipos de Narcisismo.....	37
6.3	Análise de <i>clusters</i>	40
6.3.1	<i>Cluster</i> 1: Pragmatismo e realismo.....	42
6.3.2	<i>Cluster</i> 2: Acolhimento emocional e relações familiares	44
6.3.3	<i>Cluster</i> 3: Dinâmica do vínculo.....	46
6.3.4	<i>Cluster</i> 4: Busca por amorosidade.....	49
6.3.5	Comparação entre <i>clusters</i>	52
6.4	Análise de sentimentos	57
7.	Conclusão	60
8.	Referências	62

Lista de Tabelas

Tabela 1

Cluster 1: Pragmatismo e realismo 43

Tabela 2

Cluster 2: Acolhimento emocional e relações familiares 45

Tabela 3

Cluster 3: Dinâmica do vínculo 47

Tabela 4:

Cluster 4: Busca por amorosidade 50

Tabela 5

Comparação entre todos os clusters 52

Lista de Figuras

Figura 1

Análise da distribuição dos Tipos de Narcisismo 37

Figura 2

Análise de sentimentos 57

1. Introdução

1.1 Contextualização do Tema

Falar sobre o amor é uma tarefa desafiadora, pois implica abordar um conceito multifacetado e subjetivo, condicionado por fatores históricos, culturais e sociais (Costa, 2004). A experiência de uma relação amorosa contribui significativamente para o desenvolvimento do sujeito, fortalecendo sua identidade e promovendo a construção do *self* (Mesquita, 2018). Entretanto, na contemporaneidade, observa-se uma transformação nas relações amorosas, atravessadas por valores como o individualismo e a efemeridade.

A durabilidade das relações amorosas está cada vez mais associada à satisfação pessoal e à busca pelo prazer imediato, revelando um caráter utilitário das interações afetivas (Bittencourt, 2019; Vieira & Stengel, 2010). Para Bauman (2004), essa dinâmica reflete uma "modernidade líquida", caracterizada por relações voláteis e pela substituição do compromisso de longo prazo por uma experiência afetiva mais fugaz e descartável. Nesse contexto, a cultura contemporânea promove uma reconfiguração do amor romântico, que, embora ainda exerça influência nas relações, convive com novas formas de envolvimento afetivo sustentadas pela dinâmica capitalista (Casadore & Hashimoto, 2012).

A contemporaneidade é atravessada por valores que reforçam o narcisismo e o hedonismo, influenciando profundamente as relações interpessoais (Costa, 2004). No âmbito afetivo, observa-se um tensionamento entre a necessidade de autonomia e o desejo de reconhecimento pelo outro (Mesquita, 2018). O conceito de "*pseudo-eus*", proposto por Mesquita (2018), descreve um fenômeno no qual os indivíduos afirmam sua autonomia enquanto negam a importância do outro. No entanto, a própria construção do Eu depende da interação com o outro.

A mitologia grega oferece uma imagem significativa para compreender essa dinâmica. O mito de Narciso, narrado por Ovídio em *Metamorfoses*, conta a história de um jovem de beleza singular, filho da ninfa Liríope e do rio Céfiso. Preocupada com o destino do filho, sua mãe consulta Tirésias, que profetiza que ele viverá por muitos anos, desde que jamais contemple sua própria imagem (Rubini, 2020). Com o passar do tempo, Narciso rejeita aqueles que se apaixonam por ele, incluindo a ninfa Eco, que, castigada por Hera, só pode repetir as últimas palavras que ouve. Ao debruçar-se sobre um lago e se encantar com seu próprio reflexo, Narciso é consumido pela própria imagem, incapaz de romper com a ilusão que o aprisiona. Esse mito, ao longo dos séculos, tornou-se uma

metáfora para a alienação e o isolamento gerados pelo excesso de fascínio por si mesmo e pela dificuldade de estabelecer vínculos autênticos com o outro (Rubini, 2020).

Costa (2004) argumenta que o culto contemporâneo à imagem e à gratificação imediata fomenta uma visão do amor baseada no prazer e na satisfação individual, onde frustrações amorosas são vistas como ameaças à autossuficiência. Nesse contexto, o amor é frequentemente concebido como um meio para alcançar bem-estar pessoal, em vez de um vínculo sustentado pelo compromisso e pela alteridade.

1.2 Problematização e Justificativa

O narcisismo, ao influenciar a forma como os indivíduos se relacionam, impacta suas experiências e representações amorosas. Casale e Banchi (2020) descrevem o narcisismo sob duas formas distintas: o narcisismo grandioso, caracterizado por superioridade e desejo de controle, e o narcisismo vulnerável, associado à insegurança e à necessidade de aprovação. Ambos os perfis compartilham um traço comum: a dependência do olhar do outro para a construção da autoestima.

Costa (2004) argumenta que a sociedade narcisista inibe experiências amorosas autênticas ao alimentar a busca constante por prazer e felicidade. Assim, quando o outro deixa de proporcionar bem-estar, ele é rapidamente descartado. Esse "culto narcísico" favorece a evitação de frustrações e compromissos, reforçando padrões individualistas e distanciando os sujeitos das relações afetivas (Costa, 2004). Para Bauman (2004), o amor carrega uma carga de ambivalência, de modo que a busca por relações idealizadas inevitavelmente leva ao sofrimento.

Neste cenário, compreender os impactos do narcisismo nas relações amorosas torna-se essencial. O amor desempenha um papel central na estruturação psíquica, na constituição da identidade e no processo de individuação do sujeito. Dessa forma, este estudo busca contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre os desafios e implicações das dinâmicas afetivas na sociedade contemporânea.

1.3 Objetivos da Pesquisa

Este estudo tem como objetivo geral analisar e caracterizar a componente de narcisismo na experiência e representação subjetiva das relações amorosas. Para atingir esse objetivo, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

1. Caracterizar a idealização, a representação e a experiência de uma relação amorosa em adultos de diferentes idades e situações de conjugalidade.

2. Identificar e caracterizar as componentes de narcisismo presentes na idealização, representação e experiência da relação amorosa.
3. Analisar a variação dessas componentes em diferentes idades e situações de conjugalidade.
4. Relacionar as componentes de narcisismo identificadas com as características da sociedade narcísica conforme descrito na literatura.

O presente estudo está organizado em três seções principais. Inicialmente, apresenta-se o referencial teórico, que explora os conceitos de sociedade narcísica, narcisismo e dinâmicas das relações amorosas. Em seguida, a metodologia utilizada na pesquisa é detalhada, especificando os procedimentos adotados na coleta e análise dos dados. Por fim, os resultados são discutidos à luz do referencial teórico, destacando as implicações da influência do narcisismo nas relações amorosas contemporâneas.

2. Enquadramento teórico-conceitual

2.1 Definição do Conceito de Narcisismo: Origem e evolução do conceito

O conceito de narcisismo, em suas diversas derivações, surgiu inicialmente no campo da psicologia, com foco em disfunções e distúrbios sexuais (Lejderman & Dal Zot, 2020). Posteriormente, tornou-se um conceito central na Psicanálise. No senso comum, os indivíduos considerados “narcisistas” são frequentemente descritos como aqueles que admiram excessivamente a si mesmos e utilizam os outros apenas como espectadores para reforçar sua autoadmiração e autoestima, tratando-os como meros espelhos de sua grandiosidade (Jacoby, 2023).

Jacoby (2023) destaca o crescente interesse popular pelo conceito de narcisismo, bem como pela obra de Kohut (1966, 1971, 1972, 1977), embora esta seja considerada de difícil compreensão. No entanto, ele ressalta que, na interpretação popular, o conceito frequentemente se distancia da abordagem psicanalítica. Em vez de uma autoestima inflada, o narcisista, segundo essa perspectiva clínica (Jacoby, 2023), carrega uma profunda ferida narcísica, que o conduz a um intenso sentimento de inferioridade. Deve ser considerado, porém, que as razões subjacentes à expressão da autoadmiração se distinguem da própria autoadmiração. Por outras palavras, o narcisismo expressa-se de certa forma (uma espécie de sintoma) e tem causas subjacentes (etiologia).

Inicialmente, é fundamental compreender que esse termo emergiu no campo da psicologia e da psiquiatria no final do século XIX, associado, em um primeiro momento,

a disfunções e distúrbios sexuais. A primeira referência ao conceito remonta a 1887, quando o psicólogo Alfred Binet, em seu ensaio *O Fetichismo no Amor*, descreveu indivíduos que tomavam a si mesmos como objeto sexual, associando essa característica psicopatológica ao mito de Narciso (Lejderman & Dal Zot, 2020).

Posteriormente, em 1898, Havelock Ellis introduziu o conceito de *narcissus-like tendency*, referindo-se a um comportamento autoerótico em que o indivíduo é, simultaneamente, a fonte de excitação e o objeto de descarga da energia sexual. No ano seguinte, o médico criminologista Paul Näcke utilizou o termo narcisismo para descrever uma forma de perversão na qual o sujeito se busca como fonte e objeto de satisfação sexual (Ulrich & Rocha, 2019). No início do século XX, Richard von Krafft-Ebing incluiu o narcisismo no catálogo das perversões sexuais de sua obra *Psychopathia Sexualis* (Guimarães & Endo, 2014). Com o avanço da Psicanálise, o conceito expandiu-se para além das questões sexuais e passou a ser compreendido como um fenômeno psíquico mais amplo. Desde então, o conceito de narcisismo passou por constantes reformulações, tornando-se um dos mais relevantes da psicanálise, embora também seja um dos mais complexos (Pulver, 1970 citado por Jacoby, 2023).

O vocabulário de psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001) diz que o termo narcisismo foi utilizado por Freud em 1910 para explicar a escolha de objeto nos homossexuais, que se tornam o próprio objeto sexual. Nessa concepção, eles partiam do narcisismo e buscavam jovens que se assemelhem a si mesmos, a quem poderiam amar da mesma forma que suas mães os amaram. No desenvolvimento de sua formulação, Freud traz a descoberta do narcisismo existente em uma fase do desenvolvimento sexual que serve como um estágio intermediário entre o auto-erotismo e o amor direcionado a um objeto. Nessa fase, o sujeito começa a se tomar como objeto de amor, o que possibilita a primeira unificação das pulsões sexuais. Freud já utilizava o conceito de narcisismo antes de desenvolvê-lo de forma mais aprofundada em "*Introdução ao Narcisismo*" (Laplanche & Pontalis, 2001).

A formulação da teoria sobre o narcisismo em psicanálise teve um marco fundamental com a obra "*Introdução ao Narcisismo*", publicada por Freud em 1914, pouco após sua ruptura com Jung. Esse texto surge, em parte, como uma objeção às concepções junguianas sobre a libido como uma energia psíquica neutra e sobre a teoria da introversão da libido (Falcão, 2014; Jacoby, 2023). Freud (1914) introduziu o conceito de narcisismo primário como uma etapa fundamental do desenvolvimento psíquico, na qual a energia libidinal está investida no ego, e o Eu é tomado como a principal fonte de prazer e

satisfação. Posteriormente, em 1930, ampliou essa concepção ao sugerir que, ao longo do desenvolvimento, o bebê passa a investir sua libido em objetos externos por meio da identificação narcísica, percebendo o mundo como uma extensão de si mesmo.

Com o avanço da teoria psicanalítica, consolidou-se a distinção entre narcisismo primário e secundário. No narcisismo primário, o bebê ainda não reconhece o objeto como algo separado de si, vivenciando uma experiência onipotente, na qual toda satisfação é percebida como autossuficiente (Laplanche & Pontalis, 2001). À medida que suas necessidades são atendidas por um cuidador, ele passa a diferenciá-lo de si, marcando a transição para o narcisismo secundário. Esse momento é crucial, pois implica o reconhecimento da dependência do outro para a sobrevivência. Se essa relação for vivenciada com um nível excessivo de angústia, a criança pode negar sua dependência e reforçar um sentimento de onipotência, resumido na ideia de que “o objeto sou eu” (Coderch, 2006; Lejderman & Dal Zot, 2020). Quando essa transição ocorre de maneira adequada, a criança estabelece uma relação anaclítica, direcionando sua energia libidinal a figuras significativas de cuidado. No entanto, dificuldades nesse processo podem levar à fixação em uma relação narcísica, na qual o outro é amado como uma extensão do próprio *self* (Coderch, 2006; Ulrich & Rocha, 2019).

O narcisismo, portanto, desempenha um papel essencial na constituição do sujeito, na formação dos ideais e na autoconservação psíquica. Barbosa et al., (2021) destacam que o narcisismo infantil nunca é completamente abandonado, permanecendo como uma base para a dinâmica psíquica. No desenvolvimento infantil, ele ocorre logo após a fase autoerótica e antecede o investimento em objetos, sendo um momento essencial para a organização pulsional e a estruturação do eu. Quando o investimento em si mesmo excede a capacidade de regulação psíquica, o Eu passa a investir em objetos, promovendo a transição para relações objetais mais maduras (Barbosa, et al., 2021).

Heinz Kohut (1966, 1971, 1972, 1977) foi um psicanalista austríaco-americano conhecido por desenvolver a psicologia do *self*, em uma reformulação do conceito de narcisismo dentro da teoria psicanalítica. Ele apresentou uma nova perspectiva sobre a dinâmica narcísica, rompendo com o modelo pulsional clássico e adotando uma abordagem relacional (Mesquita, 2018). Para Kohut, o narcisismo é uma expressão do *self*, entendido como uma construção subjetiva derivada de experiências introspectivas que constituem a percepção do "Eu" (Coderch, 2006), este se constitui como um “motor de desenvolvimento para a construção do *self* (Mesquita, 2018, pag 46). Diferentemente da concepção freudiana, Kohut argumenta que o ser humano não é governado

exclusivamente por pulsões biológicas que necessitam de um objeto para descarga energética.

Kohut concebe o narcisismo como resultado de um déficit de “narcisação” por parte dos pais, o que gera um sentimento de falta e, conseqüentemente, patologias narcísicas. Segundo o autor, "as perturbações do *self* são devidas às carências empáticas do meio" (Kohut apud Coderch, 2006, p. 46). Essa perspectiva se distancia do modelo pulsional freudiano ao rejeitar a noção de que o amor objetal representa a etapa final do amadurecimento do narcisismo. Para ele, o narcisismo não é inerentemente patológico, mas sim um elemento essencial ao desenvolvimento saudável da personalidade e do caráter, funcionando como motor da construção do *self*. O aspecto patológico surge quando há uma interrupção no desenvolvimento do *self* grandioso e da imago parental idealizada (Cunha, 2021).

Desde os primeiros anos de vida, a criança se dirige aos pais em busca da satisfação de suas necessidades narcísicas (Coderch, 2006). Essa experiência narcísica tem início na infância, quando o bebê vivencia um estado de plenitude, ela nasce em um estado de narcisismo indiferenciado, que será atravessado por falhas inevitáveis da figura materna cuidadora (Mesquita, 2018). Para restaurar sua sensação de completude, a psique da criança desenvolve dois sistemas principais: o *self* grandioso e o objeto idealizado. No primeiro o bebê sente tudo que é da ordem do prazer e sendo agradável como parte do mundo interno, e tudo que é da ordem do desprazer e desagradável como do campo externo. Aqui há o estabelecimento de um *self* perfeito que terá características de onipotência, grandiosidade e exibicionismo, e na correspondência desse *self* grandioso, surgem os objetos do *self* especulares, que validarão o sentimento de grandiosidade e plenitude do bebê, então essa valorização recebida pelo olhar do outro será gradualmente internalizada e se transformará em autoconfiança e autoestima (Mesquita, 2018). A segunda se dá pela *imago* parental idealizada, em que a criança atribui a um dos pais uma imagem idealizada, experienciando uma fusão simbólica com esse objeto idealizado. Ao longo do tempo essa imago parental vai sendo internalizada em valores fundamentais para o sujeito (Mesquita, 2018).

Quando essas necessidades são adequadamente atendidas, o *self* se desenvolve de maneira coesa e forte, garantindo sentimentos de continuidade e autoestima. Por isso Kohut enfatiza a necessidade fundamental de contato, afeto, comunicação e empatia com os primeiros objetos de apego (Cunha, 2021). Caso ocorram falhas nesse processo, o *self* permanece fragmentado, frágil e descontínuo, resultando em baixa autoestima. Essa

fragmentação caracteriza a patologia da personalidade narcísica (Cunha, 2021; Mesquita, 2018), na qual o indivíduo busca compensar suas necessidades narcísicas por meio de demandas inadequadas à sua fase de vida e de relações incapazes de sustentar essa função (Coderch, 2006).

Seguindo essa perspectiva, mesmo na vida adulta, as necessidades narcísicas continuam presentes, mas, em sujeitos saudáveis, elas amadurecem e se ajustam à realidade e à fase de desenvolvimento (Coderch, 2006). Segundo Kohut, "todos necessitamos amar e ser amados, ser apreciados e sentir-nos aceitos por nossos semelhantes; aqueles que se esforçam para negar essa necessidade são os que sofrem de um profundo transtorno narcísico" (Kohut citado por Coderch, 2006, p. 217). O desenvolvimento desse *self* coeso surge a partir de três eixos fundamentais: grandiosidade, idealização e ligação ao alter-ego. Caso haja falhas no desenvolvimento dessas estruturas, o sujeito passa a depender de objetos externos, chamados objetos do *self*, para exercer funções que deveriam ser desempenhadas por sua própria psique. Quanto maior a coesão do *self*, menor a necessidade de objetos do *self* para garantir essa organização. Entretanto, quando o *self* não consegue regular a autoestima internamente, torna-se dependente de objetos externos que lhe forneçam esse suporte. Nesse cenário, a busca por um outro valorizado se torna essencial, pois a admiração conferida ao objeto do *self* reflete diretamente na autovalorização do sujeito. No entanto, essa dinâmica é instável, pois a identidade e autoestima do indivíduo ficam condicionadas à presença desse objeto. Assim, a perda do objeto do *self* gera intenso sofrimento, pois implica uma ameaça direta à identidade e ao senso de valor pessoal (Mesquita, 2018).

A busca por objetos do *self* pode ocorrer de três formas principais. A primeira é por meio do objeto do *self* idealizado, no qual o sujeito direciona sua admiração a um objeto que ele valoriza, refletindo essa valorização em si mesmo. A segunda forma ocorre com o objeto do *self* gêmeo, em que o indivíduo busca alguém semelhante a ele, estabelecendo uma relação especular que mascara a sensação de falta e proporciona uma experiência de unidade e completude. Por fim, o objeto do *self* organizador se manifesta em casos de falhas estruturais mais profundas, sendo essencial para integrar e organizar aspectos psíquicos que não puderam ser consolidados ao longo do desenvolvimento. Nessa configuração, a dependência do objeto torna-se extrema, ao mesmo tempo temida e negada (Coderch, 2006). Como defesa, pode haver um distanciamento emocional, funcionando como uma tentativa de autoproteção diante da fragilidade do *self*. Em

situações mais intensas, surgem estratégias compensatórias voltadas para reforçar a autoestima e valorizar a própria imagem (Coderch, 2006).

Dessa forma, Kohut reformula a compreensão do narcisismo ao enfatizar sua importância no desenvolvimento saudável do *self*. Ele ressalta a necessidade de uma base empática durante a infância e que o narcisismo, longe de ser apenas um traço patológico, é essencial para a estruturação da personalidade e do caráter, e que as dinâmicas das relações de objeto são importantes na consolidação e manutenção da coesão desse *self* (Coderch, 2006; Mesquita, 2018).

A evolução do conceito de narcisismo possui um espaço complexo e de centralidade na teoria psicanalítica, desde suas formulações iniciais até as reformulações propostas por autores como Kohut. Ao longo de desenvolvimento do conceito, observa-se um deslocamento da compreensão do narcisismo como uma patologia estritamente relacionada à perversão sexual para uma dimensão fundamental da constituição psíquica. Kohut, ao enfatizar a importância do *self* e das necessidades narcísicas, amplia essa compreensão para além do modelo pulsional freudiano, destacando o papel da empatia e da relação com objetos do *self* no desenvolvimento emocional. Essas perspectivas fornecem uma base teórica essencial para esta investigação, permitindo aprofundar a análise do narcisismo enquanto estrutura psíquica que influencia a experiência subjetiva e a dinâmica relacional dos indivíduos.

2.2 Narcisismo saudável versus patológico

O Transtorno da Personalidade Narcisista segundo a American Psychiatric Association (APA), é caracterizado por um padrão persistente de grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia. De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), os indivíduos com esse transtorno apresentam comportamentos marcados por um senso exagerado de autoimportância, fantasias de sucesso ilimitado, crença de serem especiais, necessidade excessiva de admiração, sentimento de direito, exploração interpessoal, falta de empatia, inveja e atitudes arrogantes.

Em uma perspectiva psicodinâmica, os “narcisistas” confundem sua própria imagem egóica com um *self* idealizado, o que resulta na criação de uma imagem idealizada na qual se identificam, levando o sujeito a demonstrar o que pode ser interpretado como um amor por si mesmo (Ulricha & Rocha, 2019). A desordem narcisista da personalidade é um diagnóstico relativamente raro, entretanto, comportamentos associados ao narcisismo

têm ganhado ascensão, sendo cada vez mais observados (Coderch, 2006; Ulricha & Rocha, 2019). Os quadros clínicos atuais frequentemente se apoiam nessa dinâmica narcisista. Na contemporaneidade, marcada por valores centrados no indivíduo, torna-se difícil distinguir entre os traços que configuram um transtorno de personalidade narcisista e os traços culturais que permeiam os valores e as formas de estar no mundo dos indivíduos (Lejderman & Dal Zot, 2020).

Casale e Banchi (2020) apresentam o traço narcisista sob duas formas distintas: o narcisismo grandioso e o narcisismo vulnerável, cada um com características próprias. O primeiro se caracteriza por traços de superioridade, agressividade e desejo de controle, levando o indivíduo a superestimar sua própria importância e a buscar constantemente reconhecimento. Já o narcisismo vulnerável se manifesta por meio da sensibilidade excessiva à opinião alheia, da necessidade intensa de aprovação e de uma postura defensiva. Pessoas com essa configuração tendem a se sentir inseguras e recorrem à validação externa para amenizar sua baixa autoestima. Apesar das diferenças, ambos os perfis compartilham um aspecto essencial: a dependência do olhar do outro para a construção do senso de valor pessoal. As autoras também ressaltam que traços narcísicos podem estar presentes em diferentes níveis na personalidade, não devendo ser confundidos com o transtorno de personalidade narcísica, que representa uma manifestação mais patológica dessas características.

Para Kohut, a ausência da função contentora e empática por parte da figura materna gerará a patologia narcísica (Mesquita, 2018). Quando a criança não tem suas necessidades de validação e admiração atendidas pelos pais, seu *self* não se integrará ao Eu e com isso ficará fixada no *self* grandioso e dependente de objetos do *self* arcaicos e idealizados para exercer funções que deveriam ter sido integradas e realizadas pelo próprio psiquismo (Mesquita, 2018).

Contudo, importante salientar que Kohut entende que há uma plasticidade saudável do próprio *self*, então mesmo que os objetos do *self* não tenham atendido as necessidades e assim gerado experiências traumáticas, o sujeito é capaz de encontrar posteriormente novos objetos do *self* que auxiliem na integração e coesão do próprio *self*. Pois caso isso não ocorra, então sim falamos de uma patologia narcísica na qual surge uma incapacidade de transpor essas relações deficitárias, e então os estilos relacionais futuros estarão presos a dinâmica de repetição impedindo assim o aspecto transformador dos objetos do *self* (Mesquita, 2018).

Enquanto a definição diagnóstica proposta pelo DSM-5 busca delimitar critérios clínicos objetivos, abordagens psicanalíticas, como a de Kohut, ressaltam a influência das primeiras experiências relacionais na estruturação do *self* e no desenvolvimento da patologia narcísica. A plasticidade do *self*, enfatizada por Kohut, sugere que, apesar das falhas iniciais na constituição psíquica, novos objetos do *self* podem possibilitar um processo de integração e coesão. Essa perspectiva amplia o entendimento sobre o narcisismo, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre suas manifestações tanto no nível psicopatológico quanto no contexto sociocultural.

2.3 Narcisismo na contemporaneidade

As subjetividades contemporâneas são frequentemente caracterizadas como narcísicas, marcadas por uma dinâmica na qual o outro é visto não como uma figura de alteridade, mas como um objeto que atende às necessidades de engrandecimento e afirmação do valor do sujeito. Quando esse outro perde essa função, é descartado ou substituído (Barbosa, et al., 2021).

O pensamento do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (2004) sobre a crise das relações humanas pode ser relevante para esta reflexão, pois ele observa que as relações, embora buscadas de forma intensa, se revelam frágeis e passíveis de rompimento a qualquer momento. Birman (2005) e Costa (2005) corroboram essa ideia, ao afirmarem que a durabilidade e estabilidade das relações, bem como dos projetos de longo prazo, estão enfraquecendo. Birman (2005) observa que essas subjetividades são autocentradas de maneira projetiva, com o sujeito buscando exaltação e valorização de si mesmo no olhar do outro. Costa (2005), por sua vez, fala em uma "cultura somática", na qual a identidade é moldada pelos atributos físicos do corpo e pelas sensações que ele proporciona, associando o ideal de felicidade à experiência do prazer corporal.

Entretanto, essa dinâmica traz ambiguidades, pois o outro, embora necessário para afirmar a validade da imagem do sujeito, também representa uma ameaça à estabilidade dessa identidade, uma vez que a validação do sujeito depende de um vínculo vulnerável com o outro (Barbosa, et al., 2021). O outro, nesse contexto, possui valor apenas como espectador e admirador, sem espaço para intimidade, que ameaçaria a imagem idealizada do sujeito. Barbosa, et al. (2021) sugerem que as relações com uma dinâmica narcísica são caracterizadas por um "autocentramento exteriorizado", no qual o outro se torna um objeto que afirma a fantasia identitária, mas ao mesmo tempo ameaça essa identidade, revelando o desamparo em sua condição traumática e não criativa.

Como referido por Cunha (2021) reflexões sobre o cenário atual não visam romantizar o passado, mas refletir sobre as transformações significativas no cenário contemporâneo e como essas mudanças influenciam a subjetividade. Nesse contexto, a perspectiva de Kohut se destaca, pois aborda uma transformação na subjetividade a partir da década de 1970, alinhando-se com outras abordagens teóricas e críticas sociais (Cunha, 2021).

As transformações contemporâneas intensificam a dinâmica narcísica nas relações, marcadas pela fragilidade dos vínculos e pela busca por validação no olhar do outro. Como apontam Bauman (2004), Birman (2005) e Costa (2005), essa subjetividade autocentrada reflete mudanças socioculturais que influenciam a forma como os sujeitos se relacionam. Nesse cenário, a perspectiva de Kohut contribui para entender o narcisismo não apenas como uma patologia individual, mas como um fenômeno que dialoga com as configurações sociais atuais. Assim, ao considerar tanto as perspectivas psicanalíticas quanto as reflexões sociológicas, torna-se possível aprofundar a compreensão sobre os impactos dessas transformações na subjetividade e nas relações contemporâneas.

3. Relações Amorosas no Contexto da Sociedade Narcísica

3.1 Caracterização da Sociedade Narcisista

Na contemporaneidade, nota-se um significativo investimento e dedicação em atividades e caminhos que seguem sob o título de "autorrealização" (Jacoby, 2023). O psiquiatra, psicoterapeuta e fundador da psicologia analítica, C. G. Jung, argumentava que a crise enfrentada pelo homem moderno decorria de uma perda de sentido, uma condição que acarretava o risco de uniformização e perda da individualidade (Jacoby, 2023). Ele sustentava a visão de que o sofrimento presente na neurose derivava de uma alma que ainda não havia descoberto seu significado (Hollis, 1998). Nesse aspecto, Jung defendia que a busca por um significado na vida não deveria se pautar na busca pela felicidade, mas sim na busca por sentido (Hollis, 1998). No entanto, a busca pela autorrealização tem ganhado destaque em um cenário marcado pelo enfraquecimento dos valores estruturantes e busca obsessiva pela felicidade (Mancebo, 2002), deixando o indivíduo em um espaço instável para construir sua própria identidade. Em um ambiente que negligencia práticas e valores que sustentam a coletividade, o indivíduo encontra-se

frequentemente voltado para dentro de si mesmo, incapaz de encontrar apoio em experiências compartilhadas (Rios, 2008).

Um recorte para analisar a constituição de identidade e valores relacionais de uma sociedade ocidental europeia, envolve considerar a dinâmica da pós-modernidade e a sociedade capitalista com seus desdobramentos (Chaves, 2004). A sociedade capitalista tem passado por transformações significativas nas dinâmicas de seu próprio sistema, refletindo mudanças influentes ocorridas nas últimas décadas. Este sistema econômico, político e social pode ser dividido em três momentos distintos. O primeiro corresponde ao capitalismo liberal do século XIX, já no final do século XIX e nas primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial, surgem mudanças que configuram o capitalismo organizado. Por fim, no final da década de 1960, emerge a dinâmica capitalista atual, denominada capitalismo financeiro, capitalismo monopolista de Estado, capitalismo desorganizado ou, simplesmente, neoliberalismo (Mancebo, 2002). É nas transformações dessa última fase que se fundamentarão os argumentos dos teóricos apresentados ao longo desta investigação.

Segundo Chaves (2003, 2010), na década de 60 emerge uma nova forma de capitalismo, que marca a pós-modernidade e cujo princípio básico é a dinâmica de mercado. Nessa configuração, as relações de mercado são estruturadas em uma lógica de "competição e otimização", o que limita a intervenção estatal e busca aumentar a eficiência do próprio governo (Chaves, 2010), e para o funcionamento desse Estado neoliberal, torna-se necessária a formação de um "novo homem" (Mancebo, 2002). Nas sociedades capitalistas contemporâneas, as relações mercantis são internalizadas como a principal forma de interação no mundo (Mancebo, 2002). Dessa forma, "as relações sociais e políticas devem ser estruturadas pela lógica de mercado, e a motivação dos indivíduos deve se pautar por um 'utilitarismo individual'" (Chaves, 2010, p. 30).

Nesse contexto de natureza neoliberal, caracterizado por uma lógica de mercado (Rios, 2008) torna-se imperativo que o indivíduo adote uma postura marcada pela objetividade e pragmatismo a fim de atender às exigências impostas sobre ele (Chaves, 2010). A adaptação ao paradigma de mercado requer, portanto, uma flexibilidade que acarreta três importantes ramificações para as relações estabelecidas. Primeiramente, as diretrizes políticas e econômicas passam a ser moldadas pela lógica do mercado, resultando uma flexibilização e flutuação dessas normativas. Em segundo lugar, o indivíduo passa a ser responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, e este orientado para a realização de interesses individuais. Por fim, observa-se a configuração de relações

interpessoais onde o outro é concebido como um meio para a obtenção de satisfação e prazer, caracterizadas por uma dinâmica utilitarista e superficial (Chaves, 2010). Os sujeitos vão sendo marcados por uma dinâmica egocêntrica, pouco empáticas e marcada por um individualismo (Ulricha & Rocha, 2019).

São diversos os teóricos e críticos sociais que vão discorrer sobre como a década de 70 fora marcada por profundas transformações em sua dinâmica de valores e como essa mudança impactou e vem impactando a construção subjetiva e relacional dos indivíduos (Ferreira, et al., 2023). Um dos críticos dessa tendência é o historiador norte-americano Christopher Lasch, cuja obra "A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio" foi publicada em 1979. Embora seu objetivo inicial tenha sido uma análise sobre a sociedade americana, suas reflexões oferecem *insights* aplicáveis a outras sociedades que também priorizam valores centrados no individualismo (Wanderley, 1999). A teoria de Lasch, que situa o narcisismo como um fenômeno de natureza social e cultural, enriquece a discussão sobre a complexa relação entre indivíduo e sociedade (Wanderley, 1999). Sua obra tornou-se uma referência fundamental em diversas investigações (Casadore & Hashimoto, 2012; Coderch, 2006; Costa, 2004; Cunha, 2021; Emidio & Souza, 2019; Jacoby, 2023; Lejderman & Dal Zot, 2020; Vieira & Stengel, 2010; Wanderley, 1999; Zanetti, 2012) que procuram compreender a interação da sociedade contemporânea com a formação da identidade individual e as dinâmicas relacionais. Lasch (1983) fundamenta sua análise no que ele identifica como "esfacelamento da vida íntima", indagando por que o desenvolvimento pessoal se tornou tão árido, por que a sociedade passou a temer o amadurecimento e morte, por que as relações pessoais se tornaram tão instáveis e frágeis, e por que a vida interior deixou de ser espaço de refúgio e crescimento (Wanderley, 1999).

Lasch, em sua análise crítica da sociedade contemporânea, argumenta que a predominância da lógica individualista, orientada para a busca incessante da felicidade, resultou na imersão do indivíduo em uma "autopreocupação narcísica" (Jacoby, 2023). Ele sustenta que o recuo dos movimentos políticos da década de 1960 lançou os indivíduos em preocupações de natureza estritamente pessoal. Diante de ameaças de guerra nuclear, da escassez de recursos naturais e generalizada burocratização da sociedade, os "militantes políticos" encontraram-se sem bases sólidas e voltaram-se para preocupações exclusivamente individuais. Conforme Lasch expressa, "Das cinzas do sonho libertário de uma nova sociedade, surgem os homens narcisistas de nosso tempo" (Lasch citado por Wanderley, 1999). O autor argumenta que os indivíduos narcisistas

exibem características, tais como superficialidade emocional, aversão à intimidade, tendências hipocondríacas, percepção superficial da realidade, comportamento sexual promíscuo, aversão ao envelhecimento e à morte, além de uma descrença na possibilidade de mudar o futuro, desprezo pelo passado e uma ênfase excessiva no presente (Lejderman & Dal Zot, 2020; Wanderley, 1999). Essa dinâmica conduz a uma perda do “sentido de continuidade histórica” resultando em uma ruptura dos laços com o passado e da negligência das responsabilidades em relação ao futuro, de modo que apenas o momento presente é valorizado (Wanderley, 1999). Consequentemente, emerge uma “ética de autopreservação e sobrevivência psíquica”, cuja predominância caracteriza a cultura do narcisismo (Wanderley, 1999). A perspectiva de Kohut, ao dialogar com a visão de Lasch sobre a sociedade narcisista, sustenta que os narcisistas do presente experimentam distúrbios na esfera do *self*. Kohut argumenta que pacientes narcísicos permanecem fixados em uma dinâmica arcaica e grandiosa do *self*, sendo esses indivíduos superestimados e idealizados. O principal fantasma dessa dinâmica narcísica é o medo da perda do objeto (Cunha, 2021). Caso as relações objetais na infância ofereçam um equilíbrio emocional, será menos traumático para o psiquismo lidar com futuras perdas de objetos (Cunha, 2021). As patologias narcísicas, por sua vez, são compreendidas como parte da “grande neurose contemporânea”, na qual, segundo Lasch (1979), o indivíduo se torna narcísico. Nesse contexto, o complexo de Édipo, com seus vínculos repressivos, dá lugar à figura de Narciso (Herzog & Pacheco-Ferreira, 2014). O que antes era visto como repressão para tornar-se quem se é, agora se transforma na imposição de se tornar a si mesmo (Cunha, 2021). E esse indivíduo narcisista, cuja expressão do eu se manifesta através de uma busca incansável pela felicidade, encontra-se paradoxalmente envolto em uma incessante queixa de um sentimento de vazio persistente (Coderch, 2006).

O filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky (1983/ 2005) apresenta ensaios que abordam o fenômeno do individualismo contemporâneo. O autor sugere que estamos imersos em uma era de hiperconsumismo, que proporciona uma experiência de vazio desconcertante e desencadeia uma série de inquietações (Ferreira, et al., 2023). Ele identifica uma problemática paradoxal na qual, apesar da proliferação de oportunidades de interação, os indivíduos se sentem cada vez mais isolados; embora as relações sejam concebidas como livres e desvinculadas das normas preexistentes, as pessoas frequentemente lamentam a dificuldade de estabelecer vínculos profundos (Ferreira, et al., 2023). Lipovetsky observa que “Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo” (Lipovetsky citado por Ferreira, et al., 2023).

Diante desse vazio existencial, surge uma busca por um preenchimento positivo no qual não há espaço para frustrações; o sucesso torna-se o foco central, e o desempenho passa a ser valorizado e incentivado como uma dinâmica fundamental, levando à hipervalorização e estímulo da autossuficiência (Ferreira, et al., 2023).

Na perspectiva de Lipovetsky, a sociedade vai se estruturando em contradições, individualismo, pessimismo e hedonismo, resultando no surgimento do “sujeito hiperconsumidor” (Ferreira, et al., 2023). Este último busca incessantemente experiências imediatas e efêmeras, demonstrando uma superficialidade e uma falta de pensamento crítico que resultam na construção apenas de uma imagem superficial de si mesmo (Ferreira et al., 2023). Assim como Lasch, Lipovetsky argumenta que o sujeito está se distanciando cada vez mais de suas tradições, valores e do sentido histórico. Para o autor, a hipermodernidade se desenvolve em meio a um consumismo exacerbado, no qual o foco não reside na mera posse ou aquisição de um produto, mas sim na sua capacidade de proporcionar experiências, sensações e emoções inéditas. Nesse contexto, os produtos são desejados, porém simultaneamente desinteressantes, pois o que verdadeiramente importa não é o próprio produto, mas sim a experiência associada a ele. Esse vasto leque de experiências promove a exaltação da felicidade privada, característica do hiperindividualismo, cuja tirania do momento presente alimenta o vazio contemporâneo em uma era de pós-modernidade marcada pelo narcisismo (Ferreira et al., 2023).

O filósofo coreano Byung-Chul Han (2017), faz uma análise crítica a sociedade e sua dinâmica relacional. Na chamada “sociedade do desempenho”, a lógica dominante é a do poder e da autoexploração. Sob a promessa de liberdade, os indivíduos tornam-se seus próprios opressores, em um sistema que se mostra mais eficiente do que o antigo modelo disciplinar baseado no dever. A sexualidade também é atravessada por essa lógica, transformando o corpo em uma mercadoria que deve performar bem, anulando a possibilidade do amor genuíno, já que o outro se reduz a um objeto de consumo (Han, 2017).

O medo da morte é outra marca da sociedade narcisista (Han, 2017). Enquanto Lasch aponta esse temor como um de seus principais traços, Han (2017) fala do “mero viver” como um apego à vida que exclui a consciência da finitude, esvaziando a própria experiência de existência. Nesse cenário, o Eros desaparece completamente, tornando-se incompatível com a ordem neoliberal, que impulsiona o culto ao eu e à produtividade incessante. O Eros diz respeito à relação com o outro em sua singularidade, algo que se torna cada vez mais raro no contexto atual. Vivemos em um ambiente que tende à

homogeneização, onde a experiência erótica, que exige assimetria e exterioridade, está sendo suprimida. A sociedade de consumo transforma a alteridade genuína em meras diferenças consumíveis, eliminando a experiência autêntica do outro (Han, 2017).

O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman desenvolve uma perspectiva da modernidade fundamentada no conceito de liquidez. Bauman (2004) argumenta que na modernidade líquida ocorre uma dissolução dos paradigmas que tradicionalmente norteavam a modernidade, tais como racionalidade, progresso, técnica, identidade e universalismo cultural (Bittencourt, 2019; Lejderman & Dal Zot, 2020). Seja ao abordar a modernidade líquida, os tempos líquidos, o amor líquido ou a vida líquida, o autor sustenta a ideia de que houve uma transição dos indivíduos produtores para os indivíduos consumidores. Dentro da lógica do liberalismo econômico, na qual o foco recai sobre o consumidor, surge uma imposição do gozo, na qual o indivíduo se vê obrigado a buscar a felicidade (Cunha, 2021)

Isso resulta em ansiedade, superficialidade e efemeridade nas relações sociais estabelecidas (Bittencourt, 2019). Portanto, as transformações na modernidade líquida não se consolidam, mas ocorrem em um ritmo acelerado e com uma intensidade marcante, gerando um constante estado de incerteza e "liquidez" (Ferreira, et al., 2023; Vieira & Stengel (2010). Dentro da lógica da sociedade de consumidores, as relações seguem padrões de moda e novas tendências. Nessa dinâmica que promove instabilidade, os indivíduos enfrentam incertezas e inseguranças ao considerar assumir um relacionamento amoroso (Bittencourt, 2019). Em uma dinâmica na qual se exige consumo contínuo, os indivíduos são tratados como mercadorias e se tornam objetos de consumo, resultando na negação da experiência relacional até que a morte os separe (Ferreira, et al., 2023).

E na sociedade do amor líquido, as relações assumem uma natureza fluida e flexível, o que resulta na dificuldade de desenvolver vínculos profundos e duradouros com os outros (Ferreira, et al., 2023). Bauman (2004) descreve essas relações como configuradas em uma dinâmica de "rede", onde os laços interpessoais são facilmente estabelecidos, mas também rapidamente desfeitos. Essa flexibilidade nas relações é sustentada por um certo grau de indiferença, que permite o rompimento de vínculos antes mesmo que surjam as necessidades de cuidado e investimento mútuo (Bauman, 2004).

Com uma vasta gama de opções e uma liberdade de escolha cada vez mais enfatizada, os indivíduos se tornam mais fragilizados em suas relações, pois percebem que se envolver em relacionamentos exige investimento e manutenção constantes, algo que na contemporaneidade é muitas vezes visto como uma "dor de cabeça", em vez de uma

solução para o bem-estar (Ferreira et al., 2023). Essa insegurança crescente tem minado as relações, levando ao surgimento de comportamentos destrutivos, como abuso ou controle obsessivo, o que dificulta a entrega e a confiança entre as pessoas, afastando a possibilidade de vivenciar o amor de forma plena (Ferreira, et al., 2023). Além disso, surge o temor de se entregar completamente ao parceiro, já que, na lógica da liquidez, uma relação duradoura implica o risco de ser usado e descartado de forma repentina, gerando o receio de ser excluído ou abandonado (Bittencourt, 2019).

Silva e Nascimento (2019) propõem o conceito de “amor solitário”, como uma vivência relacional posterior a dinâmica das relações líquidas, seria uma forma de amar a si mesmo de tal maneira que os vínculos amorosos se tornam quase impossíveis. Esse tipo de amor depende de um outro que nunca poderá existir, pois precisa refletir completamente o reflexo do sujeito inicial. Incapaz de viver uma relação empática e de alteridade, o sujeito acaba desenvolvendo uma relação de amor consigo mesmo, o "amor solitário". Esse amor, embora busque afastar a solidão, reforça as sensações de vazio e abandono (Silva & Nascimento, 2019). Essa visão é reforçada por Han (2017) quando este diz sobre a busca do igual que norteia as relações contemporâneas, o sujeito negando o que lhe é estranho, ou seja, diferente, vai em busca de relações com iguais, outros que reforçam as características do próprio e não causam a estranheza do novo.

Dessa forma, a sociedade contemporânea se configura em um cenário onde o individualismo exacerbado, a lógica mercadológica e a fluidez das relações moldam as experiências subjetivas e coletivas. A busca pela autorrealização, que deveria ser um processo de construção de identidade e sentido, muitas vezes se perde em um contexto de exigências performáticas e consumo de experiências efêmeras. O que emerge é um sujeito fragmentado, imerso em um narcisismo paradoxal, no qual o desejo de conexão se choca com a incapacidade de estabelecer vínculos profundos e significativos. Nesse contexto, a reflexão sobre a dinâmica das relações amorosas na contemporaneidade se torna essencial para compreender os desafios atuais e repensar caminhos que resgatem o sentido e a alteridade nas interações humanas.

3.2 Individualismo e efemeridade dos vínculos afetivos

Atualmente, a durabilidade de uma relação amorosa está cada vez mais vinculada à satisfação e ao prazer proporcionados, destacando o caráter utilitário das relações (Bittencourt, 2019; Vieira & Stengel, 2010). Bauman (2004) afirma que, na modernidade líquida, ocorre uma reconfiguração das relações amorosas, em que a profundidade e o compromisso de longo prazo são substituídos por relações efêmeras e descartáveis, como

parte de uma "nova fase da ética narcísica". Nesse novo cenário, as relações amorosas "perdem sua profundidade e senso de comprometimento, tornando-se naturalmente efêmeras e descartáveis" (Bittencourt, 2019, p. 166).

O amor romântico, como modelo de relação, tem dado espaço a outras formas de amor na atualidade, que também são sustentadas por uma dinâmica capitalista (Casadore & Hashimoto, 2012). A lógica do amor se vê condicionada pela indústria do consumo de imagens e afetos, a qual alimenta uma cultura narcisista (Silva & Nascimento, 2019). O romantismo movimentado pela busca da variedade encontra sua combinação perfeita com a dinâmica consumista (Harari, 2020).

Harari (2020) introduz o conceito de "consumismo romântico", segundo o qual os indivíduos são incentivados a acreditar que a realização plena de seu potencial humano ocorre por meio da acumulação de múltiplas experiências vividas. Isso envolve experimentar uma ampla gama de emoções e testar diferentes modelos relacionais. A busca por romper a rotina e vivenciar novas experiências se torna um imperativo. O cerne do consumismo, nesse contexto, é a ideia de que a felicidade está diretamente atrelada à quantidade de produtos, serviços e experiências vividas (Harari, 2020).

Bauman (2004) analisa as relações humanas na contemporaneidade, destacando o esvaziamento do significado e a efemeridade dos sentimentos. Segundo o autor vivemos um paradoxo: buscamos segurança e confiança nos relacionamentos, mas, ao mesmo tempo, tememos o compromisso, pois ele poderia restringir nossa liberdade e impedir outras possibilidades de conexão. Assim, os vínculos se tornam ambivalentes - desejados e rejeitados simultaneamente. Essa ambiguidade é refletida no crescente interesse pelo tema dos relacionamentos, que domina conversas, redes sociais e cursos sobre como se relacionar. No entanto, Bauman (2004), citando Heidegger, sugere que essa preocupação não indica uma maior abertura para o amor, mas sim a frustração diante das dificuldades que ele impõe. A insatisfação com as relações amorosas intensifica a necessidade de compreendê-las, tornando o "relacionar-se" um assunto central na vida moderna.

A própria linguagem acompanha essa transformação. Segundo Bauman (2004), o verbo "relacionar" vem sendo substituído por "conectar-se", o que revela uma mudança de perspectiva: em vez de vínculos duradouros que exigem investimento mútuo, há uma rede de conexões passageiras, formadas e desfeitas com rapidez. As "relações virtuais" representam uma fantasia romântica efêmera, na qual o outro pode ser descartado com um simples clique, evitando os desafios e as dificuldades inerentes a um relacionamento real.

Ainda segundo este autor, o amor envolve um impulso criativo, um processo em constante construção, mais caminho do que destino. No entanto, essa ideia entra em conflito com a cultura consumista, que privilegia gratificações instantâneas, prazer imediato e soluções prontas. A promessa de aprender a amar se apresenta como um produto de fácil consumo, sedutor e aparentemente sem riscos, mas que, na prática, ilude aqueles que buscam um amor sem esforço ou insegurança (Bauman, 2004).

Muitas vezes, a forma como nos relacionamos é atribuída ao desejo. No entanto, Bauman (2004) sugere que, ao invés de desejo genuíno, predominam os impulsos imediatos. O desejo, por sua própria natureza, requer tempo—um elemento que não se encaixa na lógica do consumo acelerado e do prazer instantâneo da sociedade contemporânea. A fragilidade desse mundo em rede se revela na ausência de desejo de uma presença real com parceiros, amigos e familiares, o que leva a uma crescente insatisfação nas relações interpessoais (Ferreira, et al., 2023).

As tecnologias desempenham um papel central nesse processo, facilitando a manutenção dessas redes e tornando os indivíduos cada vez mais dependentes delas. A dinâmica dos cliques e das interações virtuais se torna um verdadeiro "fetiche" no qual as curtidas e os likes ganham importância como substitutos do afeto e da atenção genuínos, alimentando a ilusão de conexão, embora muitos se queixem da solidão crescente (Ferreira, et al., 2023). As redes sociais, estimulando uma constante exibição da vida, seja por meio de fotos, vídeos ou áudios acentua uma dinâmica narcisista que alimenta o exibicionismo, onde a existência só se torna relevante quando visível aos outros, sustentando a ideia de que "se não postou, não viveu" (Lejderman & Dal Zot, 2020). Buscar reconhecimento não é, em si, um problema; todos buscam aprovação social, mas a necessidade incessante de reconhecimento pode alcançar proporções patológicas (Lejderman & Dal Zot, 2020). Nesse contexto, a busca por reconhecimento e admiração constantes leva à utilização do outro em benefício próprio, pois a energia de investimento está direcionada para o próprio sujeito e sua imagem (Ulricha & Rocha, 2019).

Em meio à grande quantidade de amigos digitais, nossa sociedade é marcada por um mal-estar constante, desamparo e solidão (Silva & Nascimento, 2019). Han (2017), ao discutir a sociedade da transparência, afirma que não há mais espaço para o privado, sendo exigido que tudo o que se vive seja mostrado. As imagens geradas nas redes sociais são produzidas para o consumo, tratando-se de representações idealizadas que buscam vender um ideal de felicidade e realização.

Para Han (2017) o narcisismo contemporâneo não deve ser confundido com amor-próprio. Este impede o sujeito de reconhecer o outro em sua diferença e enxerga o mundo apenas a partir da própria subjetividade. O Eros, por outro lado, permite que o indivíduo se desprenda de si mesmo e se volte para o outro, resgatando-o do enclausuramento narcísico. No amor verdadeiro, há um movimento paradoxal de fragilidade e força, onde o sentimento de plenitude não advém da autoafirmação, mas do encontro com o outro.

Em sua investigação, Vieira e Stengel (2010) analisaram a relação entre individualismo e relacionamento amoroso, considerando que, na sociedade pós-moderna, os ideais do amor romântico coexistem com as dinâmicas do chamado "amor líquido". Para compreender como os indivíduos conciliam conjugalidade e individualidade, os autores realizaram entrevistas com casais, investigando as formas pelas quais essas relações são vivenciadas. Os resultados da investigação confirmaram a hipótese de que, na contemporaneidade, coexistem diferentes conjuntos de valores que influenciam os comportamentos e expectativas dos indivíduos em relação aos relacionamentos amorosos. Os entrevistados demonstraram o desejo por relações duradouras, que são percebidas como prioritárias e privilegiadas, refletindo ainda o ideal do amor romântico. No entanto, esse anseio por segurança convive com os princípios do "amor líquido", que concebem os compromissos como uma possível restrição à liberdade e estimulam o término da relação caso esta deixe de proporcionar prazer ou exija sacrifícios. Dessa forma, os indivíduos buscam a promessa de felicidade em um relacionamento, mas, ao mesmo tempo, ressentem-se quando sentem que estão presos a ele e privados de outras possibilidades. Como apontam os autores, "os sujeitos buscam a estabilidade e a segurança no relacionamento, desde que este seja uma fonte de satisfação individual e uma relação de qualidade". Nesse contexto, torna-se necessária uma constante negociação dentro da relação, pois, caso ela passe a impor demasiadas demandas ou limitar a liberdade individual, o vínculo pode ser rompido a qualquer momento.

Na pesquisa de Zanetti (2012), investiga-se a opção de não se vincular amorosamente no contexto contemporâneo, relacionando esse fenômeno ao narcisismo moderno, ao consumismo e ao modelo tecnológico. A autora argumenta que esses elementos se tornaram valores culturais fundamentais, moldando os relacionamentos, especialmente entre aqueles que optam por permanecer solteiros. Zanetti (2012) observa que os participantes de sua pesquisa demonstraram uma orientação narcisista, priorizando suas próprias necessidades em detrimento do outro. Esse narcisismo, segundo a autora, reflete diretamente os valores da sociedade contemporânea, que se afastam da alteridade e

transformam a troca interpessoal em um espaço de perda, ao invés de crescimento e transformação.

O estudo de Smeha e Oliveira (2013) investigou a percepção de jovens adultos, com idades entre 18 e 23 anos, sobre as relações amorosas na contemporaneidade. Os resultados indicam que esses indivíduos as percebem como caracterizadas pela individualidade, liberdade, descartabilidade, busca pelo romantismo e superficialidade. Além disso, a responsabilidade inerente a uma relação amorosa é frequentemente associada ao medo, enquanto a exigência de cuidado e investimento mútuo se apresenta como um obstáculo à construção de vínculos afetivos duradouros.

Emidio e Souza (2019) conduziram uma investigação com o objetivo de compreender os vínculos conjugais na contemporaneidade. Para isso, entrevistaram casais que optaram pelo casamento, buscando analisar os fatores que motivaram tanto a escolha quanto a manutenção desse vínculo. Os participantes destacaram o desejo de construir uma vida em conjunto como uma das principais razões para o casamento. No entanto, essa busca também é permeada por ideais românticos e idealizados sobre a vida a dois, os quais, ao longo da convivência, se deparam com desafios, como a dissolução da imagem idealizada do parceiro e a necessidade de conhecer a pessoa real com quem compartilham a vida. Dessa forma, o estudo reforça a perspectiva de que a escolha amorosa é atravessada por concepções românticas, ao mesmo tempo em que se confronta com as ambiguidades inerentes ao desejo de uma existência pautada pelo prazer e por múltiplas possibilidades. Oltramari (2009) afirma que pessoas ainda buscam nas relações a intensidade emocional da paixão aliada à segurança proporcionada pelo amor e pela confiança. Essa dualidade, ao mesmo tempo em que impulsiona a busca pelo amor, também pode gerar frustração, uma vez que conciliar desejo e estabilidade nem sempre é uma tarefa simples no contexto contemporâneo.

Costa (2005) aponta que os estudos empíricos sobre as relações amorosas evidenciam que, apesar das transformações socioculturais, os indivíduos pós-modernos ainda anseiam por uma vivência amorosa que os envolva plenamente. Dessa forma, o amor romântico continua a exercer influência como ideal relacional na contemporaneidade (Oltramari, 2009). No entanto, observa-se, simultaneamente, uma perspectiva pragmática que redefine a concepção de relacionamento. Ao citar Burkart, o autor menciona a noção de uma relação “pós-romântica”, na qual os vínculos não se baseiam exclusivamente em aspectos emocionais, mas em valores como igualdade, diálogo e realização pessoal de cada parceiro. Nesse contexto, a relação amorosa passa a ser estruturada a partir da

formulação e atualização contínua de contratos estabelecidos entre os envolvidos, em contraste com o ideal romântico, que compreende o amor como princípio e força organizadora da relação.

As reflexões sobre o amor estão presentes no cotidiano e exercem uma influência significativa nas interações humanas (Silva & Nascimento, 2019). A construção de vínculos genuínos exige a disposição para renunciar a uma ideia de segurança e a abertura à vulnerabilidade, permitindo a presença do outro em nossa vida (Barbosa, et al., (2021). Os autores não caracterizam as relações contemporâneas como fracassadas ou marcadas exclusivamente pela dor, mas propõem uma abordagem reflexiva, orientada para a busca de formas criativas de lidar com as angústias inerentes ao contexto atual.

Diante das transformações nas relações amorosas, marcadas pela efemeridade, pelo individualismo e pela influência da lógica consumista, torna-se relevante investigar como o narcisismo se insere nessa dinâmica. Assim, esta investigação busca compreender de que maneira a experiência e a representação subjetiva dos vínculos amorosos refletem essa dimensão narcísica na contemporaneidade.

4. As relações amorosas e sua importância para a constituição psíquica

A gente não ama o outro porque ele é nosso espelho, a gente ama o outro na notícia que ele dá de que há um mundo para além do nosso umbigo. Ter o nosso narcisismo furado é um baita alívio, e, no amor, é disso que se trata. (Suy, 2022, p.51)

Na intensidade e exclusividade da relação amorosa, não apenas se transformam as interpretações da realidade externa, mas também se reconfigura a maneira como compreendemos e nos relacionamos com nosso mundo interno. Amar constitui um processo psicológico que possibilita novas formas de interação e conhecimento do mundo (Carotenuto, 1994). A experiência amorosa, por um lado, repete padrões já internalizados, mas, por outro, oferece a oportunidade de explorar caminhos desconhecidos, promovendo um deslocamento em direção ao novo (Mesquita, 2020).

Carotenuto (1994), ao dialogar com Barthes, argumenta que renunciar ao amor implica a renúncia ao imaginário – um elemento essencial para a vida interior e a criatividade. A dimensão amorosa, ao contrário, impulsiona o movimento psíquico,

favorecendo novas conexões e incentivando a coragem para empreendimentos desconhecidos.

O amor, na contemporaneidade, enfrenta desafios decorrentes da liberdade ilimitada de escolha, da abundância de opções e da pressão pela otimização constante. A crise do amor não se deve apenas à multiplicidade de alternativas, mas também ao enfraquecimento da alteridade, um fenômeno que acompanha o crescente narcisismo da sociedade (Han, 2017). Costa (1998) diz que vivemos em uma sociedade marcada pelo narcisismo, que dificulta a vivência das relações amorosas. Somos ensinados a desejar tudo, pois nos vemos como completos e sem falhas. O outro só é desejado quando contribui para o nosso bem-estar. Caso contrário, se ele nos exige algo em troca ou sacrifícios, é imediatamente rejeitado.

Na esfera íntima da vida humana, a presença ou ausência do amor influencia decisões, orienta trajetórias e impacta diretamente o bem-estar emocional, podendo tanto promover a saúde quanto desgastá-la (Rios, 2008). Segundo Freud (1914), o amor corresponde a um investimento de energia psíquica direcionado a um objeto. Essa ligação libidinal desempenha um papel fundamental em dois processos essenciais para o funcionamento psíquico: a satisfação parcial do desejo e o constante aprimoramento do "eu" por meio da relação com o outro. Dessa forma, o amor não apenas gera prazer, mas também constitui um elemento central na construção e na transformação contínua da identidade.

Toda escolha de objeto amoroso envolve uma dimensão narcísica (Freud, 1914). Através da projeção, o indivíduo reconhece no outro aspectos de si mesmo, o que possibilita um processo de autoconhecimento e integração dessas partes. Dessa forma, a relação amorosa torna-se um caminho para a transformação e a construção da identidade. Inicialmente, o vínculo se caracteriza pela paixão, repleta de idealizações e projeções. No entanto, à medida que o estado apaixonado se dissipa, surge a oportunidade de enxergar o outro em sua individualidade. Nesse momento, o sujeito pode transcender a fase narcísica e acessar a alteridade, reconhecendo no outro um parceiro genuíno para o amor. Assim, um *self* estruturado e integrado consegue transitar no campo relacional sem que a diferença do outro represente uma ameaça, mas sim um espaço de criação e crescimento mútuo (Rios, 2008).

Uma defesa contemporânea para as relações amorosas é o culto a solidão (Rios, 2008). Com as ideias do amor-próprio, os sujeitos vão se distanciando da experiência criativa e transformadora que é amar o outro. “Amar dá trabalho” (Rios, 2008), e exige

constante esforço de mudanças e reconhecimento de si, contudo numa lógica de prazer constante, os sujeitos vão evitando as dores da relação amorosa, mas acabam por mergulhar em dores do “vazio de si mesmo” (Rios, 2008).

O amor, mesmo quando correspondido, não nos exime da solidão, pois, em essência, amamos sozinhos (Suy, 2022). Freud já apontava que a infelicidade amorosa é mais frequente do que a felicidade, o que nos mantém fascinados pela experiência do amor, ao mesmo tempo que nos defendemos dela. A busca pelo amor está frequentemente associada à ilusão de completude, à tentativa de preencher a parte que nos falta. No entanto, a realidade amorosa revela que essa falta não é sanada, mas duplicada, pois amar implica reconhecer não apenas a insuficiência do outro, mas também a nossa própria. O aprendizado do amor ocorre na experiência de ser amado, mas frequentemente depositamos nele expectativas excessivas, acreditando ser um sentimento eterno, inabalável e imortal. Para Freud, amar exige abrir mão do narcisismo, aceitando a alteridade e a impossibilidade de uma fusão plena com o outro (Suy, 2022).

É nesse contexto que se insere a relevância deste estudo. Se considerarmos que o amor desempenha um papel fundamental na estruturação psíquica, na constituição da identidade e no processo de individuação do sujeito, torna-se essencial analisar como as características de uma sociedade narcisista se manifestam na idealização e representação da vivência afetiva com o outro. Isso nos levaria a refletir sobre os desafios, perdas e implicações desse fenômeno, sobretudo quando o outro deixa de ocupar um papel central na experiência subjetiva. Retomando a fala de Jung (1971/ 2013) “Por mais que tentemos concentrar-nos no mais pessoal da pessoa, a nossa terapia não teria sentido sem a pergunta: de que mundo vem o nosso doente, e a que mundo deve ele ajustar-se?” (p. 110).

5. Método

5.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza a análise qualitativa de conteúdo como método para análise e codificação dos dados. Esse tipo de abordagem permite compreender as percepções e representações dos participantes a respeito das relações amorosas dentro do contexto social contemporâneo. Os métodos de análise qualitativa possibilitam a construção do conhecimento a partir das concepções particulares dos participantes sobre uma realidade, sendo sua relevância justificada pela capacidade de

examinar de forma aprofundada determinado campo de investigação (Tombolato & Santos, 2020).

5.2 Participantes

A amostra foi composta por 17 participantes adultos, sem limite superior de idade, garantindo variabilidade na experiência do fenômeno estudado. A seleção dos participantes foi realizada por meio do método "bola de neve", que consiste em uma estratégia de amostragem em cadeia, na qual os primeiros participantes recrutados indicam novos participantes, ampliando progressivamente a rede de respondentes. Esse método é particularmente útil para pesquisas qualitativas em que o fenômeno estudado envolve experiências subjetivas e pessoais, permitindo alcançar indivíduos que talvez não participassem espontaneamente da pesquisa.

O critério de inclusão estabeleceu que os participantes deveriam ter pelo menos 20 anos de idade, independentemente do estado civil, permitindo a análise de diferentes vivências amorosas. No Anexo A, encontram-se as informações sobre os aspectos estruturais dos participantes. A investigação foi restrita à população residente em Portugal.

5.3 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos principais para a coleta de dados:

- Um roteiro de entrevista estruturado, composto por 12 questões previamente elaboradas (Anexo B). Esse instrumento permitiu uma abordagem flexível e aprofundada sobre a experiência e representação subjetiva das relações amorosas.
- O Termo de Consentimento Informado (Anexo C), assinado pelos participantes antes da entrevista, assegurando que estavam cientes dos objetivos da pesquisa, da confidencialidade dos dados e de seu direito de desistência a qualquer momento.

5.4 Procedimentos

Os participantes foram convidados a participar da investigação e, após aceite, foram agendadas as entrevistas em data e horário convenientes, foram realizadas 15 entrevistas em modalidade presencial e 2 remotamente pela plataforma do *Google Meets*. As entrevistas foram conduzidas individualmente, e as respostas foram anotadas no momento da entrevista pela pesquisadora. Logo após, os registros foram apresentados ao entrevistado no sentido de obter a sua validação, ou de ajustar ao que efetivamente disse,

obtendo assim uma validação dos registos feitos e garantir a precisão do conteúdo a ser analisado

5.5 Tratamento dos Dados

A análise dos dados foi realizada por meio da análise qualitativa de conteúdo, utilizando o *software* Nvivo como suporte para a organização, visualização e codificação das respostas. Esse *software* permitiu identificar padrões e categorias emergentes nos discursos dos participantes, facilitando a interpretação das representações subjetivas das relações amorosas. O sistema de categorias foi criado primeiramente com base em suporte teórico prévio inspirado pelos objetivos do estudo. Numa segunda ronda, o conteúdo codificado dentro de cada categoria teórica préexistente foi codificado em subcategorias emergentes dos dados. Para agrupamento dos entrevistados (análise de *clusters*) a similaridade de codificação foi calculada através do coeficiente de Jaccard.

A confidencialidade das respostas dos participantes foi garantida pela omissão de qualquer informação que permitisse sua identificação. Os dados foram analisados e apresentados apenas de forma coletiva. Os registos das entrevistas encontram-se armazenados até à defesa da dissertação e posterior submissão do trabalho para publicação, após o que serão devidamente destruídos.

5.6 Aspectos Éticos

O projeto desta investigação foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética da Universidade de Évora (CÉ-UÉ) para avaliação e aprovação (Anexo D), conforme estabelecido no artigo 3º do Despacho n.º 24/2017. Além disso, os procedimentos adotados seguiram as diretrizes do Regulamento n.º 637/2021, do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos, garantindo o cumprimento dos princípios éticos na condução da pesquisa.

6. Resultados: Análise e Discussão

O objetivo desta seção é o de apresentar o resultado da análise interpretativa das respostas obtidas nas entrevistas realizadas com os 17 participantes. Buscou-se um entendimento da construção subjetiva acerca da representação, idealização e experiência com as relações, em específico, as amorosas. É importante salientar que foram respostas a questões estruturadas, por isso, tais respostas ou interpretações não refletem a vida total desses participantes, mas são recortes e reflexões de responsabilidade da autora e que

carregam a subjetividade da própria pesquisadora, que mesmo com suporte teórico e um distanciamento técnico, não tem possibilidade de se ausentar completamente do fenômeno. Ou seja, entender e explicar a psique humana sempre depende do ponto de vista de quem a estuda, o que significa que nunca é possível remover completamente a subjetividade do pesquisador nesse processo (Jacoby, 2023).

6.1 Sistema de categorias de análise

Considerando que o conceito central deste trabalho é narcisismo, e faz parte dos objetivos específicos investigar a variação dos componentes de narcisismo, criamos uma categoria capaz de discriminar as diferentes expressões do mesmo. A categoria ‘Narcisismo’ subdivide-se em 4 subcategorias (Grandioso, Vulnerável, Nenhum Narcisismo e Outro) e assim codificamos a totalidade das unidades de codificação relativamente a este critério. Como é uma categoria criada como critério para codificação total, todas as referências foram aqui codificadas.

Com o objetivo de explorar as idealizações, representações e experiências dos participantes em relação às suas vivências amorosas (Relações Amorosas-RA), e de relacionar essas narrativas aos valores predominantes na sociedade contemporânea, foram criadas 12 categorias abrangentes. Cada categoria, focada no seu conteúdo específico, tende a corresponder a uma pergunta realizada durante a entrevista. A nomenclatura das categorias está apresentada entre aspas, seguida das subcategorias e do número de participantes codificados em cada uma (indicado entre parênteses). O sistema completo das categorias encontra-se anexo (Anexo E) onde consta a hierarquia entre as categorias e as definições de cada categoria e subcategoria:

- **“Caracterização RA”**: Dinâmica relacional (17), Natureza emocional (9), Vínculo (5).
- **“Qualidade RA”**: Autonomia (6), Compatibilidade de interesses (5), Transparência na comunicação (12), Conexão emocional (13), Demonstração de afeto (4).
- **“Importância RA”**: Satisfação pessoal (6), Suporte emocional afetivo (10), Evitar solidão (4), Construção de vida em conjunto (13), Não é importante (1).
- **“Desafios RA”**: Diferenças individuais (13), Manutenção do desejo (7), Gestão da rotina (5), Resolução de conflitos (7), Confiança (3), Outros (2).
- **“Parceiro”**: Amorosidade (9), Aspectos físicos (4), Valores comuns (17).

- **“Sentir-se amado”**: Validação e reconhecimento (9), Acolhimento emocional (12), Sentir-se desejado (4), Ações cotidianas (10), Outros (4).
- **“Intimidade”**: Aventura (3), Comunicação aberta (9), Segurança emocional (8), Afinidade física e sexual (14).
- **“Alimentar a intimidade”**: Espaço seguro (11), Fuga da rotina (10), Vida sexual (8).
- **“Prioridades de vida”**: Profissional (10), Estabilidade financeira (5), Bens materiais (5), Projetos pessoais (5), Saúde e bem-estar (9), Relacionamentos familiares (14).
- **“Relação atual/última”**: Idealização (4), Expectativa (6), Experiência (14), Segurança (6).
- **“Alteraria”**: Aspectos da relação (12), Aspectos do parceiro (3), Aspectos de si mesmo (2), Nenhum aspecto (3).
- **“Atualidade”**: Descartáveis (7), Benefício da relação (9), Egocentrismo (10), Superficialidade emocional (10), Foco em redes sociais (5), Questões familiares (3), Outros (4).

6.2 Análise da distribuição dos Tipos de Narcisismo

Para compreender a predominância dos diferentes tipos de narcisismo nas referências analisadas, foi elaborado um gráfico de distribuição (Figura 1). Das 598 respostas categorizadas, 303 (50,7%) correspondem ao *Narcisismo Vulnerável*, enquanto 263 (44%) foram classificados como *Narcisismo Grandioso*. As demais referências incluem 17 (2,8%) casos de *Outro Tipo de Narcisismo* e 15 (2,5%) de *Não Narcisismo*.



Figura 1: *Gráfico da distribuição dos Tipos de Narcisismo*

Casale e Banchi (2020) destacam que o traço narcisista pode se manifestar de duas formas: o Narcisismo Grandioso, marcado por sentimentos de superioridade e busca por admiração, e o Narcisismo Vulnerável, caracterizado por insegurança e necessidade de validação. Apesar das diferenças, ambos dependem do olhar de valorização do outro para sustentar o senso de valor próprio. Essa dependência se traduz na busca por objetos do *self* idealizantes no Narcisismo Grandioso, ou por objetos do *self* idealizados no Narcisismo Vulnerável (Mesquita, 2018). O Narcisismo Grandioso se manifesta na idealização da própria experiência amorosa, na ênfase de independência e no desejo de reconhecimento dentro da relação, aspectos que refletem uma necessidade de validação e admiração. Por outro lado, o Narcisismo Vulnerável emerge na sensibilidade às frustrações, na percepção crítica das relações alheias e na oscilação entre expectativas idealizadas e receios de exposição emocional. Como aponta Han (2017), a sociedade atual, ao reforçar a lógica do desempenho e da autoimagem, fomenta relações pautadas tanto pelo desejo de exaltação do eu quanto pelo medo da rejeição, o que corrobora com a presença de ambas as dinâmicas narcísicas nos dados analisados. Dessa forma, o outro é valorizado enquanto atende às necessidades do sujeito promovendo bem-estar; porém, quando suas exigências demandam esforço ou renúncia, sua presença tende a ser descartada (Costa, 2005).

Os dados analisados indicam que, na contemporaneidade, o narcisismo tende a se manifestar menos como uma expressão de grandiosidade e mais como uma busca constante por aceitação. Em um contexto social caracterizado pela hiperexposição e pela

valorização da imagem, o indivíduo oscila entre a necessidade de reconhecimento e o temor da rejeição (Silva & Nascimento, 2019). Conforme argumenta Rios (2008), esse receio da rejeição e do sofrimento inerente às relações interpessoais leva à construção de mecanismos de defesa que favorecem um afastamento do outro, resultando em uma valorização da solidão. Nesse sentido, o discurso do "amor próprio" e a ênfase no bem-estar individual emergem como formas de proteção, refletindo um traço marcante da sociedade contemporânea, na qual a autonomia e a autoafirmação são frequentemente priorizadas em detrimento da construção de vínculos profundos.

Na pesquisa de Zanetti (2012), observa-se que o narcisismo contemporâneo reflete diretamente valores sociais que enfatizam o individualismo, o consumismo e a lógica do descarte. Emidio e Souza (2019) também apontam que o desejo por relações duradouras convive com expectativas idealizadas e pragmáticas, em que o vínculo só é mantido enquanto proporciona satisfação individual. Esses achados dialogam com os dados qualitativos coletados, que mostram que os participantes buscam reconhecimento e acolhimento em suas relações, mas também temem que o compromisso possa restringir suas possibilidades individuais. Assim, a tensão entre segurança e liberdade aparece como um elemento central na dinâmica do amor contemporâneo (Smeha & Oliveira, 2013).

O narcisismo, longe de ser exclusivamente patológico, constitui um elemento essencial da dinâmica relacional, especialmente no contexto amoroso. Freud (1914) já indicava que a escolha amorosa envolve uma dimensão narcísica, na qual o sujeito projeta no outro partes de si mesmo, favorecendo o autoconhecimento e a integração de aspectos internos. No entanto, na contemporaneidade, essa dinâmica encontra desafios cada vez mais evidentes, impulsionados pela abundância de escolhas e pela busca incessante por relações ideais.

Superar essa condição exige um movimento para além da dependência dos objetos do *self*, isto é, da necessidade constante de que o outro reafirme o valor próprio. Como destaca Rios (2008), quando o *self* está estruturado, a relação deixa de ser um reflexo das carências individuais e passa a ser um espaço de crescimento mútuo. Esse processo implica reconhecer o outro em sua singularidade, permitindo que a relação transcenda a lógica da validação externa e se construa sobre bases mais autônomas e recíprocas. Nesse sentido, a predominância do Narcisismo Vulnerável nos dados analisados sugere que a subjetividade contemporânea ainda encontra dificuldades em acessar essa dimensão de alteridade, permanecendo muitas vezes presa à insegurança e à busca incessante por confirmação.

As dores emocionais que motivam a busca por atendimento clínico frequentemente se manifestam por meio de sintomas difusos e subjetivos, como sentimentos de vazio, solidão, desorientação e dificuldades nos vínculos interpessoais (Coderch, 2006). Esses estados refletem uma fragilidade narcísica que compromete a capacidade de estabelecer relações autênticas e recíprocas, evidenciando a predominância do Narcisismo Vulnerável. Nesse contexto, o outro deixa de ser percebido como uma fonte de satisfação e troca, tornando-se, muitas vezes, uma ameaça à autoestima. Como aponta Zanetti (2012), a impossibilidade de lidar com frustrações e a quebra de idealizações geram feridas narcísicas intensas, dificultando o acesso à alteridade e reforçando a tendência ao isolamento ou à busca incessante por validação. Essa dinâmica sugere que, mais do que um Narcisismo Grandioso, que se sustenta na autoconfiança inflada, a subjetividade contemporânea é marcada por uma insegurança profunda, na qual o medo do fracasso e da rejeição impede a construção de relações afetivas genuínas.

6.3 Análise de *clusters*

A organização dos *clusters* de entrevistas por similaridade de codificação foi realizada por meio do *software* NVivo, resultando na formação de quatro grupos distintos interpretáveis. A definição de cada *cluster* será apresentada a partir da análise das respostas que tiveram presença total em determinadas categorias, seguidas das ausências de respostas que contribuíram para a caracterização de cada grupo. Posteriormente, será fornecida uma síntese descritiva de cada *cluster*, seguida de uma interpretação dos resultados. Ao final das análises específicas de cada *cluster*, será realizada uma comparação entre os *clusters*, destacando semelhanças e diferenças em suas composições. Todos os *clusters* são caracterizados pela presença completa de quatro elementos: a manifestação de respostas associadas ao Narcisismo Grandioso e Vulnerável, a “**Caracterização**” das relações amorosas com base na *Dinâmica Relacional* e a valorização de *Valores Comuns* na escolha de um “**Parceiro**” amoroso. Esses elementos indicam aspectos centrais na construção das relações afetivas entre os participantes, independentemente das particularidades que diferenciam cada grupo. A presença tanto do *Narcisismo Grandioso* quanto do *Narcisismo Vulnerável* em todos os *clusters* indica que o narcisismo não tem caráter patológico, mas como visto na literatura, o narcisismo é constitutivo do desenvolvimento psíquico e tem participação nas dinâmicas estruturantes das relações amorosas. As necessidades narcísicas continuam presentes ao longo da vida adulta, sendo ajustadas às diferentes fases do desenvolvimento (Coderch, 2006). O que

distingue esse narcisismo saudável de um transtorno narcísico é a forma como acontece essa busca por objetos do *self*.

A categoria *Dinâmica Relacional* mostra que a caracterização de uma relação amorosa está majoritariamente vinculada à forma como ela se manifesta no cotidiano. Sendo essa a primeira pergunta do questionário, observou-se que as respostas eram fornecidas de maneira rápida e espontânea, sem reflexões aprofundadas sobre o tema. Um aspecto relevante identificado na análise dos dados foi a baixa menção ao componente sexual na caracterização de uma relação amorosa. Esse dado pode indicar a persistência de um ideal romântico na concepção de vínculo afetivo, reforçando a valorização de aspectos emocionais e relacionais em detrimento da esfera sexual. Além disso, a ausência dessa dimensão pode refletir um mecanismo defensivo, no qual os participantes recorrem a respostas socialmente aceitáveis, evitando referências a temas considerados mais íntimos. Conforme destacado por Oltramari (2009), o amor é moldado por um discurso social coletivo e impessoal, que é continuamente reproduzido pelos indivíduos.

A predominância da categoria *Valores Comuns* na escolha de um “Parceiro” amoroso, presente em todos os clusters analisados, sugere que a busca por um vínculo afetivo está fortemente associada à identificação com o outro. Oltramari (2009) reforça essa tendência ao destacar que a escolha amorosa tende a recair sobre indivíduos que compartilham identidades, interesses e características semelhantes às do próprio sujeito. Isso evidencia a busca pelo semelhante como um fator estruturante das relações amorosas, indicando que, mesmo em um contexto de valorização da autonomia e da individualidade, há um movimento em direção ao reconhecimento e validação do *self* por meio do outro. E aqui surge um ponto interessante de diferenciação, que pode influenciar a escolha de parceiros com valores comuns. Pois a busca por um igual é diferente de uma busca por um semelhante, o lugar do semelhante carrega a experiência da alteridade, no qual o outro é reconhecido enquanto um sujeito, já a busca por um igual pode apontar para uma busca por objetos do *self* gêmeo, no qual o outro, não sendo diferente, não aponta para as faltas do próprio sujeito (Mesquita, 2018) e aqui não há presença de um reconhecimento mútuo entre os parceiros. Essa perspectiva é complementada pela análise de Han (2017), ao destacar que a sociedade contemporânea, marcada pelo consumo e pelo culto ao prazer, favorece a busca por um parceiro que funcione como um reflexo de si mesmo, minimizando o espaço para a alteridade e reforçando dinâmicas características de uma sociedade narcisista. Nesse sentido, Silva e Nascimento (2019) introduzem o conceito de “parceiro espelho”, que representa aquele cuja imagem e semelhança se aproximam do

próprio sujeito, reforçando essa lógica de homogeneidade nos relacionamentos. Essa busca pode ser atribuída a valores de uma sociedade narcisista no qual há sempre uma busca pelo “igual” (Han, 2017). Como discutem Casadore e Hashimoto (2012), quando o outro é percebido apenas como um objeto voltado para a obtenção de satisfação pessoal, sua presença no vínculo não se configura como a de um semelhante, mas sim como um elemento descartável, instrumentalizado dentro de uma lógica individualista e efêmera das relações contemporâneas.

Um aspecto relevante a ser destacado refere-se à proposta inicial na formulação do questionário, que visava investigar a noção de intimidade associada à construção de vínculos profundos e estáveis. Essa abordagem fundamentava-se na compreensão de que a aversão à intimidade está frequentemente relacionada ao distanciamento de relações duradouras e significativas. Com esse direcionamento, duas das perguntas e categorias foram elaboradas com o intuito de explorar essa dimensão (Como caracterizam a intimidade e como alimentar a intimidade). No entanto, durante a coleta de dados se percebeu que os participantes compreendiam a intimidade predominantemente a partir da esfera sexual da relação, o que influenciou a formulação de suas respostas sob essa perspectiva.

Um dos objetivos específicos deste estudo foi avaliar as diferenças nas experiências e representações amorosas entre diferentes faixas etárias e situação de conjugalidade. No entanto, a análise dos dados revelou que os clusters identificados não se restringiram a um grupo etário ou conjugal específico. Isso sugere que os valores e as dinâmicas amorosas não estão rigidamente vinculados a categorias geracionais, mas sim atravessam diferentes grupos de maneira mais fluida. Assim, apesar de variações individuais nas narrativas dos participantes, os padrões observados indicam que certas concepções sobre o amor e a intimidade são compartilhadas entre diferentes idades, o que pode estar relacionado à influência de discursos socioculturais amplamente disseminados.

6.3.1 Cluster 1: Pragmatismo e realismo

O *Cluster 1*, que integra 5 participantes, caracteriza-se pela ênfase na *Transparência e Comunicação* como pilares fundamentais para a “**Qualidade**” de uma relação amorosa, além de priorizar uma *Afinidade Física e Sexual* em aspectos da “**Intimidade**” (Tabela 1). Os participantes deste grupo omitiram a *Demonstração de Afeto* como componente central na “**Qualidade**” de uma relação, tampouco identificaram a *Resolução de Conflitos* ou a *Confiança* como “**Desafios**” significativos em uma relação

amorosa. Essa ausência pode ser entendida como reflexo do valor atribuído à comunicação e transparência, que parecem funcionar como facilitadores na resolução de problemas e no fortalecimento da relação, reduzindo a percepção desses tópicos como obstáculos. Esse grupo aponta para uma abordagem voltada à funcionalidade da relação, em que a satisfação dos envolvidos parece depender da clareza e objetividade na dinâmica do casal. Segundo Costa (2005), esse “pragmatismo amoroso” se constitui em valores que orientam para um entendimento dialógico entre os parceiros que leva a uma realização pessoal dentro da relação.

O grupo apresenta uma perspectiva mais racional e realista sobre os relacionamentos, evidenciada pela ausência de *Idealização* como forma de caracterizar a “**Relação Atual/ Última**”. Não houve menção a características que gostariam de *mudar no parceiro* quando questionados sobre o que “**Alteraria**” na relação, o que pode indicar um foco mais pragmático e menos idealizado. Além disso, a “**Intimidade**” é descrita predominantemente de forma concreta, enfatizando o contato físico e sexual. Essa ausência de idealização pode ser interpretada como uma redução das expectativas em relação ao vínculo amoroso, resultando em uma dinâmica mais centrada na parceria e na convergência de objetivos comuns (Costa, 2005).

É relevante notar que, embora o grupo demonstre um enfoque concreto na dinâmica relacional, *Bens Materiais* não emergem como “**Prioridades de Vida**”. Esse dado sugere que, embora sejam objetivos e centrados em fatores concretos, os participantes não demonstram traços de materialismo. No que tange à visão das relações amorosas na “**Atualidade**”, este grupo não explora questões relacionadas a *Redes Sociais* ou *Questões familiares*.

Esse grupo se distancia dos ideais do amor romântico, que tradicionalmente enfatizam a busca por um parceiro capaz de suprir necessidades afetivas e emocionais. Em vez disso, suas respostas refletem uma abordagem mais pragmática das relações amorosas, pautada na valorização da transparência, da comunicação e da afinidade física. No entanto, essa ênfase na objetividade e na funcionalidade da relação pode ser interpretada como uma estratégia defensiva diante das incertezas e vulnerabilidades inerentes ao envolvimento emocional. A ausência de um discurso mais introspectivo sobre os afetos sugere uma priorização dos aspectos concretos da vida cotidiana, reforçando uma postura que evita o aprofundamento emocional, que pode representar uma defesa diante da vulnerabilidade narcísica (Coderch, 2006). Ainda assim, a centralidade da comunicação como elemento estruturante do vínculo aponta para um

reconhecimento, mesmo que indireto, da importância da troca e da construção de conexão interpessoal dentro da relação. Esse perfil sugere um equilíbrio complexo entre a busca por estabilidade e a manutenção de certa reserva emocional, o que pode estar relacionado a dinâmicas individuais de proteção afetiva e a influências socioculturais contemporâneas que privilegiam a autonomia e o autocontrole nas relações.

Tabela 1

Cluster 1: Pragmatismo e realismo

Categoria	Presença	Ausência
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Grandioso	P	-
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Vulnerável	P	-
Caracterização R.A. / Dinâmica Relacional	P	-
Qualidade R.A. / Transparência e Comunicação	P	-
Qualidade R.A. / Demonstração de Afeto	-	A
Desafios R.A. / Resolução de Conflitos	-	A
Desafios R.A. / Confiança	-	A
Parceiro/ Valores Comuns	P	-
Intimidade/ Afinidade Física Sexual	P	-
Prioridades/ Bens Materiais	-	A
Relação Atual/ Última / Idealização	-	A
Alteraria R.A./ Aspectos Parceiro	-	A
Atualidade R.A. / Foco Redes Sociais	-	A
Atualidade R.A. / Questões Familiares	-	A

P (Presença total); A (Ausência total)

6.3.2 Cluster 2: Acolhimento emocional e relações familiares

O *Cluster 2*, que integra 5 participantes, se caracteriza pela centralidade do *Acolhimento Emocional* como a principal forma de se “**Sentir Amado**”, evidenciando uma forte valorização do suporte afetivo dentro da relação (Tabela 2). Além disso, a *Afinidade Física e Sexual* surge como um componente essencial na definição de “**Intimidade**”, indicando que a conexão emocional e o contato físico são percebidos como elementos fundamentais para a qualidade da relação amorosa.

Outro aspecto distintivo deste grupo é a priorização dos *Relacionamentos Familiares* como um dos principais eixos das “**Prioridades de Vida**”. Essa perspectiva sugere que os participantes do *Cluster 2* enxergam as relações interpessoais como um pilar central, não apenas no contexto amoroso, mas também em sua rede de apoio mais ampla, com destaque para o papel da família. A forte valorização da relação familiar pode ser compreendida à luz do pensamento de Costa (2004), que discute como a modernidade trouxe uma ressignificação do amor, no qual os laços familiares podem ser percebidos como um espaço de segurança afetiva em um mundo onde as relações amorosas se tornaram mais incertas. A ausência de preocupações com estabilidade financeira como prioridade de vida reforça essa ênfase nos vínculos interpessoais como principal suporte emocional e social.

No que diz respeito à “**Relação Atual/Última**”, os participantes deste *cluster* estruturam suas percepções com base na *Experiência*, sem mencionar *Expectativas* em relação à relação amorosa. Esse dado sugere uma visão menos idealizada dos relacionamentos, fundamentada no que foi vivido e concretizado, em detrimento de projeções futuras. Essa abordagem também se reflete nas respostas sobre mudanças desejadas na relação (*Alteraria*), com uma ênfase nos *Aspectos da Relação*, sem menção a modificações em si mesmos (*Aspectos de si*) ou a ausência de mudanças desejadas (*Nenhum Aspecto*).

Entretanto, algumas omissões se mostram significativas neste *cluster*. Os participantes não mencionam *Vínculo* ao caracterizarem uma relação amorosa (*Caracterização*), o que pode indicar que, embora valorizem o acolhimento e a experiência vivida, não atribuem um significado central à noção de vínculo como um compromisso emocional estruturante. Além disso, a *Segurança Emocional* não aparece como um componente essencial da “**Intimidade**”, sugerindo que, para este grupo, o entendimento da intimidade está fortemente relacionado a vivência da sexualidade na relação.

No âmbito das “**Prioridades de Vida**”, a *Estabilidade Financeira* não é mencionada, reforçando a predominância de um olhar voltado para os laços afetivos e relacionais, em vez de preocupações materiais ou econômicas. Da mesma forma, não há menção à categoria *Não é importante* ao avaliar a “**Importância**” da Relação Amorosa, o que indica que este grupo valoriza a existência de um relacionamento afetivo.

Por fim, no que se refere à visão das relações amorosas na “**Atualidade**”, os participantes deste *cluster* não fazem referência ao *Foco nas Redes Sociais*, o que sugere

um menor impacto das dinâmicas digitais e das interações virtuais na forma como percebem e vivenciam os relacionamentos contemporâneos.

Tabela 2

Cluster 2: Acolhimento emocional e relações familiares

Categoria	Presença	Ausência
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Grandioso	P	-
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Vulnerável	P	-
Caracterização R.A. / Dinâmica Relacional	P	-
Caracterização R.A. / Vínculo	-	A
Importância R.A. /Não é Importante	-	A
Parceiro/ Valores Comuns	P	-
Sentir-se Amado/ Acolhimento Emocional	P	-
Intimidade/ Segurança Emocional	-	A
Intimidade/ Afinidade Física Sexual	P	-
Prioridades/ Estabilidade Financeira	-	A
Prioridades/ Relacionamentos Familiares	P	-
Relação Atual/ Última/ Expectativa	-	A
Relação Atual/ Última/ Experiência	P	-
Alteraria R.A. /Aspectos Relação	P	-
Alteraria R.A. /Aspectos Si mesmo	-	A
Alteraria R.A. /Nenhum Aspecto	-	A
Atualidade R.A./ Foco Redes Sociais	-	A

P (Presença total); A (Ausência total)

6.3.3 Cluster 3: Dinâmica do vínculo

O *Cluster 3*, que integra 3 participantes, destaca-se pela valorização da *Conexão Emocional* como elemento central da "**Qualidade**" de uma relação amorosa, evidenciando um enfoque na profundidade do vínculo afetivo (Tabela 3). A "**Importância**" de uma relação amorosa é definida principalmente pelo *Suporte Emocional Afetivo* e pela *Construção de Vida em Conjunto*, aspectos que refletem uma visão relacional pautada no companheirismo e no suporte mútuo. A "**Intimidade**" é caracterizada por uma ênfase na *Comunicação Aberta* e na *Segurança Emocional*,

demonstrando a necessidade de um ambiente de confiança e acolhimento. Oltramari (2009), ao citar Brehm (1991), caracteriza a intimidade como um fenômeno que emerge no contexto da comunicação interpessoal. Nesse sentido, a comunicação desempenha um papel fundamental no processo de autorrevelação, possibilitando a construção de um espaço de confiança mútua. Essa perspectiva dialoga diretamente com a forma como este *cluster* concebe a comunicação no âmbito da intimidade e da segurança emocional, sugerindo que, por meio de uma troca contínua, é possível estabelecer um ambiente relacional seguro e acolhedor.

Os participantes desse grupo atribuem alta relevância aos *Relacionamentos Familiares* como "**Prioridade de Vida**", evidenciando a importância do contexto familiar no estabelecimento e manutenção das relações amorosas. Além disso, ao descreverem a "**Relação Atual/Última**", os relatos são marcados por uma abordagem experiencial (Experiência), refletindo uma percepção baseada nas vivências concretas, sem a presença de *Idealização* ou de uma sensação de *Segurança* garantida na relação. Quando questionados sobre o que "**Alterariam**" na relação atual ou última, os participantes enfatizam *Aspectos da Relação*, sem mencionar mudanças em si mesmos (Aspectos de si mesmo) ou a ausência de necessidade de alterações (Nenhum Aspecto), o que sugere um olhar voltado para a dinâmica relacional em vez de fatores individuais. Por outro lado, observa-se a ausência de respostas relacionadas à *Compatibilidade de Interesses* e à *Transparência na Comunicação* como critérios de "**Qualidade**" da relação, o que indica que esse grupo não associa esses elementos à construção de um vínculo sólido. Da mesma forma, não mencionam *Satisfação Pessoal*, *Evitar a Solidão* ou a percepção de que uma relação amorosa *Não é Importante*, demonstrando que a motivação para estar em um relacionamento está pautada no afeto e não em necessidades individuais. Além disso, a ausência de menções à *Aventura* como característica da "**Intimidade**" sugere um modelo relacional mais voltado para a estabilidade emocional do que para experiências de novidade ou excitação.

No que tange à visão sobre as relações na "**Atualidade**", o *Cluster 3* se diferencia pela presença total de respostas relacionadas ao *Foco em Redes Sociais*, sugerindo uma crítica ao impacto da exposição digital na qualidade das relações. Os participantes percebem que a preocupação excessiva com a imagem do casal nas redes pode comprometer a autenticidade e a intimidade da relação. Esse olhar vai de acordo com Silva e Nascimento (2019) que numa referência a Han (2014) falam sobre a sociedade da transparência na qual o público e privado perdem as bordas que os separam, assim o que

é vivido só tem validade se for mostrado, um namoro novo precisa ser compartilhado e visto nas redes sociais. Pelas redes sociais o aspecto da estética também fica evidenciado, pois numa supervalorização do que é estético, quem pertence a esse espaço se faz integrado no grupo, o que importa é o visto, o que é interior perde lugar (Casadore & Hashimoto, 2012). A busca por reconhecimento é natural, mas quando se torna excessiva, pode assumir um caráter prejudicial (Lejderman & Dal Zot, 2020). Nesse cenário, a necessidade constante de validação leva à instrumentalização do outro, com foco centrado no próprio sujeito e em sua imagem (Ulricha & Rocha, 2019). Ao mesmo tempo, não fazem menção às *Questões Familiares* como fator influente nas dinâmicas amorosas contemporâneas, o que pode indicar um olhar mais voltado para o ambiente relacional direto, sem considerar o papel de fatores externos.

Tabela 3

Cluster 3: Dinâmica do vínculo

Categoria	Presença	Ausência
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Grandioso	P	-
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Vulnerável	P	-
Tipo de Narcisismo/ Não Narcisismo	P	-
Tipo de Narcisismo/ Outro Narcisismo	P	-
Caracterização R.A. / Dinâmica Relacional	P	-
Qualidade R.A. / Compatibilidade de Interesses	-	A
Qualidade R.A. / Transparência Comunicação	-	A
Qualidade R.A. / Conexão Emocional	P	-
Importância R.A./ Satisfação Pessoal	-	A
Importância R.A./ Suporte Emocional Afetivo	P	-
Importância R.A./ Evitar Solidão	-	A
Importância R.A./ Construção Vida em Conjunto	P	
Importância R.A./ Não é Importante	-	A
Desafios R.A./ Outros	-	A
Parceiro/ Valores Comuns	P	-
Sentir-se Amado/ Sentir Desejado	-	A
Intimidade/ Aventura	-	A

Intimidade/ Comunicação Aberta	P	-
Intimidade/ Segurança Emocional	P	-
Prioridades/ Estabilidade Financeira	-	A
Prioridades/ Relacionamentos Familiares	P	-
Relação Atual/ Última/ Idealização	-	A
Relação Atual/ Última/ Experiência	P	-
Relação Atual/ Última/ Segurança	-	A
Alteraria R.A. / Aspectos da Relação	P	-
Alteraria R.A. / Aspectos de Si mesmo	-	A
Alteraria R.A. / Nenhum Aspecto	-	A
Atualidade R.A. / Foco em Redes Sociais	P	-
Atualidade R.A. / Questões Familiares	-	A
Atualidade R.A. / Outros	-	A

P (Presença total); A (Ausência total)

6.3.4 Cluster 4: Busca por amorosidade

O *Cluster 4*, integrando 4 participantes, caracteriza-se pela ênfase no *Suporte Emocional e Afetivo* como principal fator na “**Importância**” de uma relação amorosa (Tabela 4). Os participantes deste grupo compreendem os relacionamentos como um espaço de acolhimento emocional, no qual a presença do parceiro representa um suporte essencial na vida afetiva. Além disso, valorizam a *Amorosidade* ao buscar um “**Parceiro**” amoroso, priorizando gestos e atitudes que expressem carinho e cuidado mútuo.

Entre os principais “**Desafios**” percebidos na dinâmica relacional, os participantes destacam as *Diferenças Individuais*, reconhecendo que a diversidade de perspectivas e características pessoais pode representar um obstáculo na convivência. Essa percepção sugere que, embora a relação seja vista como um espaço de suporte, ela também exige ajustes e compreensão mútua para lidar com as divergências. Mas pode apontar também para uma dinâmica narcísica que se assemelha a reflexão feita anteriormente sobre a busca por valores comuns entre os parceiros. Pois em uma relação de alteridade, o outro é visto como um diferente e nessa diferença que ambos vão se construindo e transformando (Carotenuto, 1994), mas quando a diferença individual é vista como um desafio, pode estar atrelado a busca pelo igual apontado por Han (2017) e então surge a busca por um “parceiro espelho” (Silva & Nascimento, 2019) que representa essa busca por alguém que

atenda a imagem e semelhança do próprio sujeito. Um amor pela própria imagem (Jacoby, 2023)

No que diz respeito às formas de se “**Sentirem amados**”, os participantes deste cluster enfatizam a importância das *Ações Cotidianas*, valorizando pequenos gestos e demonstrações concretas de carinho na rotina do casal. Essa perspectiva reforça a concepção da relação como um vínculo construído na constância e no cuidado diário, em oposição a uma visão baseada exclusivamente na atração ou no desejo.

Sobre a visão das relações amorosas na “**Atualidade**”, os participantes deste grupo as caracterizam predominantemente pelo *Benefício da Relação*, apontando uma perspectiva crítica na qual os relacionamentos são vistos como estratégicos e fundamentados na utilidade que oferecem aos envolvidos, em vez de serem baseados em vínculos genuínos e afetivos. E essa crítica vai ao encontro do que diz Bittencourt (2019) sobre as relações estarem voltadas para a satisfação que proporcionam, sendo duradoura enquanto atendem a um desejo utilitário da relação. A ausência de respostas na categoria *Superficialidade Emocional* não indica que percebam profundidade nas relações contemporâneas, mas sugere que sua crítica se manifesta por meio de outras categorias, como a instrumentalização das relações, em vez de uma menção direta à superficialidade. Além disso, este *cluster* se diferencia por não apresentar respostas associadas ao *Outro Narcisismo*, o que indica uma menor ênfase na demanda por tempo e qualidade de tempo dentro do relacionamento. Também não atribuem à relação amorosa um valor ligado à *Satisfação Pessoal*, tampouco consideram que estar em uma relação *Não é Importante*, reforçando a centralidade do suporte afetivo sobre a realização individual.

Em relação à busca por um “**Parceiro**”, os participantes não mencionam a relevância de *Aspectos Físicos*, sugerindo que a atração física não se apresenta como critério central na escolha de um parceiro amoroso. Da mesma forma, ao descreverem as maneiras como “**Se sentem amados**”, não fazem referência ao *Sentir-se Desejado*, o que indica uma menor valorização do desejo como expressão de afeto.

Quanto às “**Prioridades de Vida**”, este grupo não menciona *Projetos Pessoais*, o que pode indicar uma maior orientação para relações e interações interpessoais em detrimento de ambições individuais. Além disso, ao refletirem sobre o que “**Alterariam**” na relação atual ou última, não mencionam *Aspectos do Parceiro*, mesmo enfatizando como desafio as diferenças entre parceiros, não apontam aspectos do outro como ponto de mudança.

Em síntese, o *Cluster 4* caracteriza-se por um perfil relacional voltado para a afetividade e o suporte emocional, priorizando a amorosidade e as expressões cotidianas de carinho na construção do vínculo. Esse grupo não enfatiza aspectos físicos na escolha do parceiro nem atribui à relação um caráter instrumental para a satisfação pessoal, reforçando a centralidade do vínculo afetivo como elemento estruturante das relações amorosas.

Tabela 4

Cluster 4: Busca por amorosidade

Categoria	Presença	Ausência
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Grandioso	P	-
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Vulnerável	P	-
Tipo de Narcisismo/ Outro Narcisismo	-	A
Caracterização R.A. / Dinâmica Relacional	P	-
Importância R.A./ Satisfação Pessoal	-	A
Importância R.A./ Suporte Emocional Afetivo	P	-
Importância R.A./ Não é Importante	-	A
Desafios R.A./ Diferenças Individuais	P	-
Desafios R.A./ Outros	-	A
Parceiro/ Amorosidade	P	-
Parceiro/ Aspectos Físicos	-	A
Parceiro/ Valores Comuns	P	-
Sentir-se Amado/ Sentir Desejado	-	A
Sentir-se Amado/ Ações Cotidianas	P	-
Prioridades/ Projetos Pessoais	-	A
Alteraria R.A. /Aspectos do Parceiro	-	A
Atualidade R.A. / Benefício da Relação	P	-
Atualidade R.A. / Superficialidade Emocional	-	A -

P (Presença total); A (Ausência total)

6.3.5 Comparação entre clusters

Conforme mencionado anteriormente, todos os *clusters* são caracterizados pela presença de respostas associadas ao *Narcisismo Grandioso e Vulnerável*, como se observa na Tabela 5. Embora seja possível identificar nuances que sugerem uma inclinação maior para um dos polos em determinados grupos, a presença de ambas as dinâmicas narcísicas em todos os participantes é um aspecto relevante e que pode ser expressão da sociedade narcísica. Além disso, ao caracterizarem uma relação amorosa, todos os participantes fazem referência à *Dinâmica Relacional*. Da mesma forma, ao descreverem a busca por um “**Parceiro**”, enfatizam a importância de *Valores Comuns*, evidenciando a busca pelo semelhante como um reflexo do narcisismo individual.

No que se refere à *Transparência na Comunicação* como atributo da “**Qualidade**” de uma relação amorosa, observa-se uma distinção marcante entre os *clusters*: enquanto o *Cluster 1* se caracteriza pela presença total de respostas nessa categoria, o *Cluster 3* apresenta ausência completa. Quanto à “**Importância**” atribuída às relações amorosas, os *Clusters 3* e *4* compartilham semelhanças ao apresentarem presença total na categoria *Suporte Emocional e Afetivo* e ausência de respostas relacionadas à *Satisfação Pessoal*. Ainda sobre essa dimensão, vale ressaltar que os *Clusters 2, 3* e *4* não mencionaram a relação amorosa como algo *Não Importante*.

No que tange aos “**Desafios**” enfrentados nos relacionamentos, os *Clusters 3* e *4* se caracterizam pela ausência de respostas na categoria *Outros*. Essa tendência também se reflete na forma como os participantes desses grupos expressam a percepção de serem amados (Sentir-se amado), uma vez que ambos apresentam ausência de respostas relacionadas à categoria *Sentir-se Desejado*.

A caracterização da “**Intimidade**” revela diferenças significativas entre os grupos. O *Cluster 2* se distingue pela ausência de respostas na categoria *Segurança Emocional*, em contraste com o *Cluster 3*, no qual essa categoria apresenta presença total. Além disso, *Afinidade Física e Sexual* é mencionada por todos os participantes dos *Clusters 1* e *2*. O que corrobora com a ideia de que numa “cultura somática” (Costa, 2004 e Barbosa, Campos e Neme, 2021) a identidade do sujeito está atrelada aos atributos físicos do corpo, e com isso o ideal de felicidade e realização também vai estando circunscrito nas sensações que este corpo pode proporcionar.

Com relação às “**Prioridades de vida**”, os *Clusters 2* e *3* não mencionam *Estabilidade Financeira* como um aspecto prioritário, mas enfatizam *Relacionamentos Familiares* como uma prioridade central. Costa (2005) quando fala acerca do sujeito

contemporâneo, diz de uma indiferença a compromissos com o outro, esses grupos se caracterizam pelo oposto a uma dinâmica narcisista pois colocam como prioridade de vida o espaço de compromisso e relação com o outro.

No que se refere às “**Alterações**” desejadas na relação atual ou última, os *Clusters* 2 e 3 concentram suas respostas em *Aspectos da Relação*, enquanto os *Clusters* 1 e 4 se caracterizam pela ausência de menção a *Aspectos do Parceiro*. Além disso, os *Clusters* 2 e 3 não apresentam respostas para as categorias *Aspectos em Si Mesmo* e *Nenhum Aspecto*. Por fim, quanto à visão das relações amorosas na “**Atualidade**”, os *Clusters* 1 e 2 não apresentam respostas sobre o *Foco em Redes Sociais*, ao passo que o *Cluster* 3 se caracteriza pela presença total nessa categoria. No que se refere às *Questões Familiares*, os *Clusters* 1 e 3 apresentam ausência total de menções a esse aspecto.

Tabela 5

Comparação entre todos os *clusters*

Categoria	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Grandioso	P	P	P	P
Tipo de Narcisismo/ Narcisismo Vulnerável	P	P	P	P
Caracterização R.A./ Dinâmica Relacional	P	P	P	P
Qualidade R.A./ Transparência e comunicação	P	-	A	-
Importância R.A./ Satisfação Pessoal	-	-	A	A
Importância R.A./ Suporte Emocional Afetivo	-	-	P	P
Importância R.A./ Não é importante	-	A	A	A
Desafios R.A./ Outros	-	-	A	A
Parceiro/ Valores Comuns	P	P	P	P
Sentir-se Amado/ Sentir Desejado	-	-	A	A
Intimidade/ Segurança Emocional	-	A	P	-

Intimidade/ Sexual	Afinidade Física	P	P	-	-
Prioridades/ Financeira	Estabilidade	-	A	A	-
Prioridades/ Familiares	Relacionamentos	-	P	P	-
Relação Atual/ Experiência	Última/ Idealização	A	-	A	-
Relação Atual/ Experiência	Última/	-	P	P	-
Alteraria Relação	R.A./ Aspectos da	-	P	P	-
Alteraria Parceiro	R.A./ Aspectos do	A	-	-	A
Alteraria mesmo	R.A./ Aspectos de Si	-	A	A	-
Alteraria	R.A./ Nenhum Aspecto	-	A	A	-
Atualidade/ Sociais	Foco nas Redes	A	A	P	-

P (Presença total); A (Ausência total)

Um aspecto relevante, que não foi categorizado, diz respeito à recorrência de respostas que enfatizam a importância da preservação da individualidade dentro das relações amorosas. Expressões como “saber dar espaço ao outro” e “respeitar o espaço um do outro” emergiram em diferentes respostas dos participantes, sugerindo uma tensão entre a busca por conexão e a necessidade de autonomia. Oltramari (2009) aponta que a sociedade contemporânea vivencia um paradoxo nas relações amorosas: enquanto o ideal do amor romântico permanece um referencial amplamente desejado - o que se reflete no conjunto geral das respostas, os valores individualistas também se fazem presentes. Assim, observa-se um movimento ambíguo, no qual há a busca por ideais românticos de fusão e completude, ao mesmo tempo em que persiste o receio de que essa proximidade comprometa a individualidade do sujeito. Bauman (2004) destaca esse paradoxo contemporâneo ao dizer que enquanto buscamos estabilidade e confiança nos

relacionamentos, também recebemos o compromisso, pois ele pode limitar nossa liberdade e reduzir outras oportunidades de vínculo.

Outro ponto que se destaca é a categoria “Outro narcisismo”, utilizada para classificar a recorrente menção ao tempo na experiência amorosa. Embora não se trate de um conceito consolidado na literatura, a questão do tempo se apresentou de forma significativa nas respostas, indicando que a aceleração da vida cotidiana impacta diretamente a criação e manutenção de vínculos estáveis e duradouros (Zanetti, et al., 2013). O desejo por mais tempo junto e por momentos de qualidade apareceu no discurso de 11 participantes, evidenciando como a noção de tempo compartilhado está intrinsecamente ligada à percepção de uma relação amorosa satisfatória. Esse dado se alinha às reflexões sobre a contemporaneidade e suas demandas constantes, que geram uma sensação de pressa e fragmentação nas experiências afetivas. Muitas vezes, a forma como nos relacionamos é atribuída ao desejo. Segundo Bauman (2004) o desejo, por sua própria natureza, requer tempo, um elemento que não se encaixa na lógica do consumo acelerado e do prazer instantâneo da sociedade contemporânea.

Mesmo no contexto da conjugalidade, percebe-se a valorização de estímulos externos como meio de manutenção da dinâmica relacional. Embora essa questão não tenha se configurado como um *cluster* específico, surgiram menções frequentes à necessidade de evitar a rotina por meio de atividades externas, reforçando a importância dos estímulos externos na sustentação do vínculo amoroso (Casadore & Hashimoto, 2012). Isso sugere que, na contemporaneidade, a relação amorosa não se sustenta exclusivamente pela conexão entre os parceiros, mas também pela introdução de elementos externos que revitalizam a experiência conjugal.

O estudo desses *clusters* indica que, embora a sociedade contemporânea seja marcada pelo narcisismo e pela efemeridade dos vínculos, os participantes ainda demonstram diferentes formas de vivenciar as relações afetivas, oscilando entre o desejo de intimidade genuína e a necessidade de adaptação às dinâmicas individualistas. Mesmo com as mudanças nas dinâmicas relacionais, os ideais do amor romântico ainda permeiam o discurso sobre as relações amorosas. A concepção de um vínculo duradouro, baseado em fidelidade, parceria e segurança, segue presente no imaginário coletivo. Esse movimento reflete o paradoxo apontado por Vieira e Stengel (2010), segundo os quais, mesmo em um contexto que privilegia a busca por satisfações pessoais e experiências momentâneas, persiste o anseio por relações amorosas sólidas e duradouras. Assim, apesar da valorização da autonomia e da fluidez dos relacionamentos, a necessidade de

um espaço de segurança, estabilidade emocional e profundidade afetiva, característico do ideal de amor romântico, continua presente no imaginário dos indivíduos. Nesse contexto, a manutenção dos vínculos afetivos requer constante negociação e redefinição das expectativas e acordos estabelecidos entre os parceiros.

Os resultados da presente investigação corroboram as conclusões dos estudos de Vieira e Stengel (2010), Zanetti (2012) e Emidio e Souza (2019), evidenciando a complexidade das dinâmicas amorosas na contemporaneidade. Assim como apontado por Vieira e Stengel (2010), os participantes demonstraram um desejo por relações duradouras e estáveis, ainda influenciadas pelo ideal romântico, mas simultaneamente marcadas pela lógica do "amor líquido", que valoriza a liberdade individual e a satisfação pessoal, tornando os vínculos amorosos sujeitos a constantes negociações. A pesquisa de Zanetti (2012) também se reflete nos achados desta investigação, especialmente ao indicar a presença de características narcísicas na forma como os indivíduos se relacionam, priorizando a autossatisfação e evitando vínculos que possam ser percebidos como limitadores. Da mesma forma, os dados coletados convergem com os achados de Emidio e Souza (2019), ao demonstrarem que, embora a busca por uma parceria amorosa seja valorizada, essa escolha muitas vezes se depara com desafios, como a necessidade de conciliar expectativas idealizadas com a realidade cotidiana do relacionamento. Dessa maneira, os resultados desta pesquisa reforçam a coexistência de modelos tradicionais e contemporâneos de amor, bem como as tensões e ambivalências que permeiam as relações afetivas na atualidade.

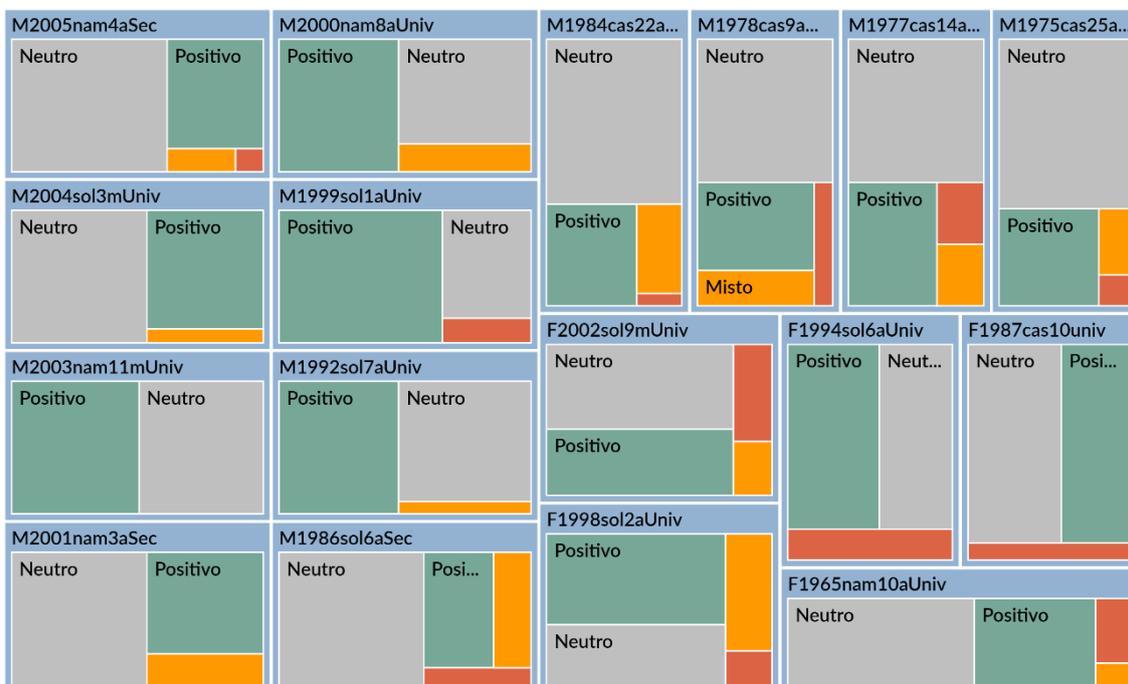
Costa (2005) destaca que pesquisas empíricas sobre as relações amorosas demonstram que, apesar das mudanças socioculturais, os indivíduos contemporâneos ainda buscam experiências afetivas que os envolvam de maneira profunda. Assim, o ideal do amor romântico permanece influente como modelo relacional. No entanto, paralelamente, emerge uma visão mais individualista, que reformula a compreensão dos relacionamentos. Com base em Burkart, o autor introduz o conceito de uma relação "pós-romântica", na qual os vínculos não se sustentam apenas em emoções, mas também em valores como equidade, diálogo e desenvolvimento pessoal de cada parceiro. Nesse sentido, os relacionamentos passam a ser constantemente negociados e reestruturados, diferindo do modelo romântico tradicional, que concebe o amor como o elemento central e estruturante da relação.

As reflexões sobre o amor seguem presentes no cotidiano e exercem forte influência sobre as interações humanas (Silva & Nascimento, 2019). Para a construção

de vínculos autênticos, torna-se essencial abrir mão da busca por segurança absoluta e aceitar a vulnerabilidade, permitindo, assim, a verdadeira presença do outro em nossas vidas (Barbosa et al., 2021).

6.4 Análise de sentimentos

Foi realizada uma Análise de Sentimentos por meio do *software* NVivo para identificar e categorizar a tonalidade afetiva presente nas respostas. A análise (Figura 2) revela uma predominância de respostas com tom positivo ou neutro, o que sugere um certo grau de mecanismo de defesa ou distanciamento por parte dos participantes. Esses resultados corroboram a ideia de que os sujeitos tenderam a responder com base em convenções sociais, em vez de expressarem uma reflexão mais profunda e subjetiva sobre suas experiências amorosas. Além disso, o formato da entrevista pode ter influenciado esses dados, uma vez que se observou que, em algumas ocasiões, as respostas iniciais eram mais genéricas, mas, à medida que se avançava na entrevista, os participantes elaboravam pequenas reflexões ou compartilhavam histórias que ofereciam uma compreensão mais clara e complexa de sua visão sobre as relações amorosas.



Verde: sentimentos positivos; Cinza: sentimentos neutros; Laranja: sentimentos mistos; Vermelho: sentimentos negativos

Figura 2: Diagrama da Análise de Sentimentos realizada no software NVivo

Um aspecto relevante nesta discussão é a discrepância entre a forma como os participantes descrevem suas próprias experiências amorosas e a maneira como percebem as relações amorosas na sociedade contemporânea. Embora a questão sobre a visão que possuem acerca das relações na atualidade (Atualidade) não contenha juízo de valor explícito, a maioria das respostas apresenta uma perspectiva negativa, enfatizando a prevalência de valores narcísicos e a centralidade do individualismo nas dinâmicas relacionais. No entanto, ao relatarem suas experiências pessoais, os participantes adotam um tom significativamente mais positivo. Indivíduos envolvidos em relacionamentos amorosos tendem a perceber suas próprias relações de forma mais positiva em comparação com as relações de outras pessoas, conforme demonstrado em um estudo realizado por Endo et al. (2000), citado por Oltramari (2009).

Essa contradição sugere a presença de uma dinâmica narcísica na construção da própria narrativa, na qual a valorização da autoimagem não se manifesta necessariamente por meio da grandiosidade, mas pela busca por validação e reconhecimento externo. Esse aspecto se alinha ao Narcisismo Vulnerável, caracterizado por uma sensibilidade exacerbada à percepção do outro e por uma autopercepção instável. Além disso, é possível que as respostas sejam influenciadas por normas e convenções sociais, refletindo um código culturalmente compartilhado sobre o amor. Oltramari (2009) destaca que o amor é moldado por um discurso coletivo e anônimo, amplamente reproduzido pelos indivíduos. Assim, a percepção das próprias experiências tende a ser atravessada pelo ideal romântico, promovendo uma visão idealizada das relações amorosas.

Em contrapartida, a forma como se enxerga o outro parece refletir uma perspectiva mais realista ou, possivelmente, projetar dificuldades e contradições vivenciadas nos relacionamentos. Essa assimetria entre a percepção de si e do outro pode estar relacionada ao narcisismo contemporâneo, que, conforme argumenta Han (2017), não se trata de um amor-próprio autêntico, mas de um fechamento sobre si, no qual o sujeito busca ser amado sem necessariamente compreender ou expressar como se sente amado. A superficialidade do olhar sobre si mesmo contrasta com uma visão crítica e, muitas vezes, desencantada sobre os relacionamentos em geral, sugerindo que as contradições percebidas nos vínculos afetivos são externalizações das próprias inseguranças e idealizações individuais.

Além disso, a predominância de uma visão negativa das relações na contemporaneidade reforça a ideia de que os vínculos amorosos estão atravessados por valores individualistas, conforme apontam autores como Bauman (2004). A fragilidade

dos laços, aliada à busca por validação externa, resulta em um cenário onde a idealização do amor convive com o medo do compromisso, configurando relações marcadas tanto pelo desejo de fusão quanto pela necessidade de preservação da autonomia individual.

Durante as entrevistas, observou-se que, nas perguntas iniciais, os participantes respondiam de maneira breve e pouco elaborada, recorrendo a palavras soltas e respostas rápidas. No entanto, ao serem questionados sobre como se sentiam amados e como caracterizavam a intimidade, houve uma mudança significativa na dinâmica das respostas. Momentos de pausa foram frequentes, assim como expressões como “eu nunca pensei sobre isso”, sugerindo uma distância reflexiva em relação a esses aspectos. Essa dificuldade em nomear o que os fazia sentir-se amados pode indicar não apenas um desconhecimento sobre as próprias necessidades afetivas, mas também a idealização do papel do outro na relação. Em um contexto narcisista, como apontam Lejderman e Dal Zot (2020), o sujeito pode projetar no parceiro a expectativa de que este compreenda intuitivamente suas necessidades emocionais, sem que haja um esforço consciente de autoconhecimento. Dessa forma, a construção da intimidade pode ser atravessada por uma dinâmica em que o outro é investido de um saber absoluto sobre o que é necessário para que o sujeito se sinta amado, dispensando, assim, a necessidade de uma elaboração própria sobre essa questão.

Relações amorosas saudáveis podem desempenhar um papel fundamental como objetos do *self* positivos, auxiliando no desenvolvimento emocional e na consolidação de um *self* mais coeso. Para que isso seja possível, é essencial que os indivíduos invistam no autoconhecimento e no aprimoramento da regulação emocional, permitindo que o amor se construa sobre a reciprocidade e o reconhecimento mútuo, em vez de ser guiado exclusivamente pela necessidade de preencher vazios internos.

A vivência amorosa não apenas remodela nossa percepção da realidade externa, mas também ressignifica a maneira como nos relacionamos com nosso mundo interno. Enquanto processo psicológico dinâmico, o amor possibilita novas formas de interação e conhecimento, oferecendo um espaço para transformação e crescimento subjetivo (Carotenuto, 1994). Embora muitas vezes reproduza padrões internalizados, a experiência amorosa também abre caminho para a descoberta do novo, promovendo deslocamentos e redefinições na forma como o sujeito se percebe e se vincula ao outro (Mesquita, 2020). Dessa maneira, o amor pode atuar como um catalisador do amadurecimento emocional, desde que os indivíduos estejam dispostos a transcender a dependência narcísica e a construir relações fundamentadas na alteridade e na reciprocidade.

7. Conclusão

Esta investigação teve como objetivo geral analisar e caracterizar a presença do narcisismo na experiência e representação subjetiva das relações amorosas, considerando diferentes faixas etárias e situações de conjugalidade. Para isso, buscou-se compreender como os indivíduos idealizam, representam e vivenciam seus relacionamentos afetivos, identificando traços narcísicos que permeiam essas construções e investigando sua relação com as características da sociedade contemporânea caracterizada na literatura como sociedade narcisista.

Os resultados evidenciaram que, independentemente da idade ou contexto conjugal, há uma predominância da busca por valores comuns na escolha amorosa, o que reforça a tendência ao reconhecimento no semelhante (Oltamari, 2009). No entanto, essa busca pela familiaridade convive com uma visão ambivalente sobre a intimidade: os participantes expressaram o desejo de serem compreendidos e amados, mas, paradoxalmente, muitos demonstraram dificuldades em definir o que significa sentir-se amado. Esse dado sugere que a expectativa em relação ao outro pode estar carregada de idealizações, refletindo um funcionamento narcísico no qual o parceiro amoroso é concebido como alguém capaz de suprir necessidades que o próprio sujeito não consegue nomear. Tal dinâmica se alinha à perspectiva de Han (2017), segundo a qual o narcisismo contemporâneo impede o reconhecimento do outro em sua alteridade, favorecendo relações estruturadas como espelhos reafirmadores da identidade individual.

Além disso, verificou-se que as representações amorosas contemporâneas são marcadas por uma tensão entre desejo de segurança e preservação da individualidade. Embora os participantes demonstrem aspiração por relações duradouras e significativas, há também uma percepção de que os vínculos podem se tornar uma ameaça à liberdade pessoal, o que se reflete na lógica paradoxal do amor na contemporaneidade. Essa ambivalência ressoa com a literatura sobre o narcisismo na sociedade atual, que aponta para a coexistência de um ideal romântico persistente e uma abordagem pragmática dos relacionamentos, na qual a permanência na relação depende da contínua satisfação individual (Costa, 2005).

Apesar das contribuições deste estudo, algumas limitações devem ser consideradas. Como o tema demanda um alto grau de reflexão, observou-se que as entrevistas estruturadas com perguntas fechadas não foram o formato mais adequado para capturar nuances subjetivas. No início da entrevista, as respostas dos participantes eram curtas e pouco elaboradas, ganhando maior profundidade apenas no decorrer da conversa.

Dessa forma, um formato de entrevista aberta e gravada poderia permitir uma exploração mais rica das representações amorosas e da influência do narcisismo nas experiências dos sujeitos.

Outro aspecto a considerar é que a pesquisa contemplou apenas uma questão voltada para a percepção do mundo externo, o que pode ter limitado a articulação entre as experiências individuais e um olhar mais amplo sobre as dinâmicas amorosas na sociedade. Estudos futuros poderiam incluir questões mais exploratórias que permitam compreender como os participantes percebem e se posicionam diante das transformações culturais que influenciam suas vivências afetivas.

Além disso, embora um dos objetivos específicos do estudo fosse analisar a variação do narcisismo em diferentes idades e contextos conjugais, os *clusters* identificados na análise quantitativa não se restringiram a um grupo etário específico. Esse resultado sugere que certas características narcísicas na vivência amorosa podem transcender fronteiras geracionais, reforçando a necessidade de investigações que considerem outros fatores, como o contexto sociocultural e histórico dos participantes. Para aprofundar essa discussão, pesquisas futuras poderiam ampliar a amostra e adotar metodologias qualitativas que permitam uma compreensão mais detalhada da interseção entre idade, conjugalidade e narcisismo.

Os achados deste estudo reforçam que as relações amorosas na contemporaneidade são atravessadas por tensões entre desejo e autonomia, idealização e realidade, reconhecimento e medo da dependência. A sociedade narcísica contemporânea não apenas influencia a maneira como os indivíduos se relacionam, mas também molda suas expectativas sobre o amor e a intimidade. A busca por um parceiro que reafirme a identidade e compreenda necessidades não explicitadas evidencia um funcionamento narcísico que dificulta o reconhecimento genuíno do outro e da alteridade.

Dessa forma, este estudo contribui para o debate sobre a complexidade dos vínculos amorosos na atualidade, ressaltando a importância de novas investigações que articulem os aspectos subjetivos e socioculturais na compreensão das relações afetivas. Em um cenário no qual os relacionamentos são constantemente tensionados entre individualismo e desejo de conexão, torna-se fundamental refletir sobre como o afeto pode ser vivenciado para além das lógicas narcísicas, permitindo a construção de vínculos mais autênticos e sustentáveis.

8. Referências

- American Psychiatric Association. (2022). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – Texto revisado (DSM-5-TR)*. Artmed
- Barbosa, C. G., Campos, E. B. V., & Neme, C. M. B. (2021). Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. *Psicologia USP*, 32, e190014.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Birman, J. (2016). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (1ª ed.). Civilização Brasileira.
- Bittencourt, R. N. (2019). A Arte de amar sob a égide da liquidez. *Revista Húmus*, 9(27). Recuperado de <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/12979>
- Burschel, M. (2025). *The narcissistic dimensions of market economy: Implications and effects from a social work perspective* (No. 1 (Februar 2025)). IU Discussion Papers-Sozialwissenschaften.
- Carotenuto, A. (1994). *Eros e pathos: amor e sofrimento*. Paulus.
- Casadore, M. M., & Hashimoto, F. (2012). Reflexões sobre o estabelecimento de vínculos afetivos interpessoais na atualidade. *Revista Subjetividades*, 12(1-2), 177-204.
- Casale, S., & Banchi, V. (2020). Narcissism and problematic social media use: A systematic literature review. *Addictive behaviors reports*, 11, 100252.
- Chaves, J. C. (2010). Las percepciones de los jóvenes sobre las relaciones amorosas en la actualidad. *Psicologia em revista*, 16(1), 28-46.
- Chaves, J. C. (2004). *Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. 212 f (Doctoral dissertation, Tese (Doutorado em) Instituto de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro).
- Coderch, J. (2006). *Pluralidad y diálogo en psicoanálisis*. Herder Editorial.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rocco.
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Editora Garamond.
- Costa, S. (2005). Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos estudos CEBRAP*, 111-124.

- Cunha, M. P. D. (2021). Relações precarizadas, mundo traumatizado: uma retomada de Heinz Kohut e sua importância para a atualidade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 24, 88-97.
- Emidio, T. S., & de Souza, J. B. F. (2019). “Até que algo os separe”: um estudo sobre o estabelecimento e a manutenção do casamento na contemporaneidade. *Vínculo-Revista do NESME*, 16(1), 98-112.
- Falcão, L. (2014). Cem anos de narcisismo: aquém da psicanálise e além de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(3), 41-56.
- Feliciano, P. de L. Q., & Peixoto, T. C. (2019). A Construção da subjetividade na Pós-Modernidade: Uma revisão de literatura. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 4(8), 61-77. Recuperado de <https://smtpgw.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18692>.
- Ferreira, G. S., da Silva, J. F. O., & Queiroz, F. G. L. (2023). A modernidade líquida de Zigmunt Bauman e a era do vazio de Gilles Lipovetsky: perspectivas sobre a contemporaneidade. *Revista Teologia & Contemporaneidades*, 1(2).
- Freud, S. (2010). *Freud (1914-1916) - Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12). Editora Companhia das Letras.
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada.
- Han, B. C. (2017). *Agonia de Eros*. Editora Vozes Limitada.
- Harari, Y. N. (2020). *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Companhia das Letras.
- Jacoby, M. (2023). *Individuação e narcisismo: A psicologia do si-mesmo em Jung e Kohut*. Editora Vozes.
- Jung, C. G. (2013). *A prática da psicoterapia*. Editora Vozes Limitada.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperança em declínio*. Imago.
- Lejderman, B., & Dal Zot, J. (2020). Narcisismo e redes sociais. *Rev. Bras. Psicoter.(Online)*, 55-67.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manoele.
- Mancebo, D. (2002). Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. *Psicologia: ciência e profissão*, 22, 100-111.
- Mesquita, I. (2018). O que há de novo no Amor. *Climepsi Editores*.

- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em estudo*, 14, 669-677.
- Pontalis, J. B., & Laplanche, J. (2001). Vocabulário da psicanálise. Santos: Martins.
- Ribeiro, A. J. C. (2021). *Amores líquidos no divã de Zygmunt Bauman: Como a pós-modernidade afeta as relações do sujeito* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Rios, I. C. (2008). O amor nos tempos de Narciso. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 12, 421-426.
- Rubini, R. (2020). Feridas psíquicas, Jung e o narcisismo. *Junguiana*, 38(1), 41-56.
- Silva, A. D. M., & do Nascimento, K. L. (2019). O amor solitário no mundo virtual: Influências do capitalismo nas relações. *Cronos: Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*, 20(2), jul./dez.
- Smeha, L. N., & de Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45.
- Suy, A. (2022). *A gente mira no amor e acerta na solidão*. Paidós.
- Ullrich, A., & da Rocha, G. A. (2019). A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea. *Cadernos da FUCAMP*, 18(36).
- Vieira, É. D., & Stengel, M. (2010). Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. *Aletheia*, (32).
- Wanderley, A. A. R. (1999). Narcisismo contemporâneo: uma abordagem laschiana. *Physis: revista de saúde coletiva*, 9, 31-47.
- Zanetti, S. A. S. (2012). *A opção de não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existência contemporâneas e a herança psíquica geracional* (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zanetti, S. A. S., Sei, M. B., & Colavin, J. R. P. (2013). Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. *Vínculo-Revista do NESME*, 10(1), 45-54.

9. Anexos

Anexo A

Aspectos estruturais dos participantes

Aspectos estruturais	Nascimento	Sexo	Orientação sexual	Conjugalidade	Duração de relacionamento (anos)
F1965nam10aUniv	1960	Feminino	Heterossexual	namorando	10
F1987cas10univ	1980	Feminino	Heterossexual	casado	10
F1994sol6aUniv	1990	Feminino	Heterossexual	solteiro	6
F1998sol2aUniv	1990	Feminino	Heterossexual	solteiro	2
F2002sol9mUniv	2000	Feminino	Heterossexual	solteiro	1
M1975cas25aUniv	1970	Masculino	Heterossexual	casado	21
M1977cas14aUniv	1970	Masculino	Heterossexual	casado	14
M1978cas9aUniv	1970	Masculino	Heterossexual	casado	9
M1984cas22aUniv	1980	Masculino	Heterossexual	casado	21
M1986sol6aSec	1980	Masculino	Heterossexual	solteiro	6
M1992sol7aUniv	1990	Masculino	Heterossexual	solteiro	7
M1999sol1aUniv	1990	Masculino	Heterossexual	solteiro	2
M2000nam8aUniv	2000	Masculino	Heterossexual	namorando	8
M2001nam3aSec	2000	Masculino	Heterossexual	namorando	3
M2003nam11mUniv	2000	Masculino	Heterossexual	namorando	1
M2004sol3mUniv	2000	Masculino	Heterossexual	solteiro	1
M2005nam4aSec	2000	Masculino	Heterossexual	namorando	4

Anexo B**Roteiro de entrevista estruturado****Dissertação de mestrado em Psicologia clínica**

Amor na contemporaneidade: uma perspectiva psicanalítica sobre a influência da sociedade narcisista nas relações amorosas

Roteiro para entrevista**Parte I:**

Data da entrevista:

Horário de início:

Horário de término:

Acrônimo:

Ano de nascimento:

Sexo:

Região de residência:

Grau de escolaridade:

Profissão:

Status de relacionamento:

Duração do atual ou último relacionamento:

Orientação sexual:

Número de relacionamentos:

Parte II:

1. Mencione até três das principais características de uma relação amorosa.
2. Indique até três atributos que fazem uma relação amorosa ser de boa qualidade.
3. Descreva até três razões pelas quais você considera importante estar numa relação amorosa.
4. Indique até três desafios importantes que as relações amorosas colocam aos parceiros.
5. Descreva até três qualidades que você busca em um parceiro amoroso?
6. Mencione até três aspectos que o/a fazem se sentir amado/a.

7. Quais são os componentes mais importantes para si em uma relação de intimidade. Indique até três componentes.
8. Como se alimenta a intimidade? Indique até três aspectos.
9. Quais são as suas prioridades na vida? Mencione até quatro.
10. Indique os três elementos que caracterizam a sua atual ou última relação amorosa.
11. Quais são os aspectos da sua atual ou última relação que gostaria que se alterassem (que tivesse sido diferentes). Indique até três.
12. Refira, na sua visão, os principais aspectos que caracterizam as relações amorosas na atualidade. Indique até quatro aspectos.

Anexo C



Amor na contemporaneidade: uma perspetiva psicanalítica sobre a influência da sociedade narcisista nas relações amorosas

Consentimento Informado

Informação geral desta Investigação

A atividade de investigação consiste em:	Explorar de que modo a sociedade contemporânea tem influenciado a experiência e representação subjetiva de uma relação amorosa.
Instrumentos utilizados nesta investigação:	É utilizado um roteiro de entrevista com questões semiestruturadas. O roteiro de entrevista é composto por 12 perguntas e as respostas serão registradas no momento da entrevista e de seguida validadas com o participante para posteriormente serem utilizadas na análise de conteúdo.
O tipo de dados pessoais tratados no âmbito deste estudo são os seguintes:	- Situação de conjugalidade - Idade
O prazo de conservação dos dados:	Anonimizados durante o tempo necessário para a apresentação de produtos de investigação, após o qual serão eliminados.
Regime de comunicação e publicação nacionais e internacionais dos seus dados pessoais:	O acesso aos seus dados pessoais será restringido aos investigadores, garantindo, em qualquer contexto de publicação, o anonimato dos participantes.

Em conformidade com o Código de Ética da Universidade de Évora (Diário da República, 2.^a série, n.º 30, de 12 de fevereiro de 2021) assegura-se que, caso se sintam desconfortáveis durante o processo, os(as) participantes têm o direito de abandonar o estudo a qualquer momento sem qualquer repercussão. Nessa situação os seus dados serão eliminados. A equipa de investigação assegura aos (às) participantes que serão mantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados pois consagra-se como obrigação

Investigadora

Évora, ____ de ____ de 2024

Anexo D**Declaração de aprovação pela Comissão de Ética da Universidade de Évora****Documento 24035****Comissão de Ética da Universidade de Évora**

A Comissão de Ética da Universidade de Évora informa que, com base nas apreciações favoráveis dos seus membros, deliberou dar

Parecer Positivo

para a realização do Projeto: "Amor na contemporaneidade: uma perspetiva psicanalítica sobre a influência da sociedade narcisista nas relações amorosas", pela mestranda **Jéssica Santa Rita Silva**, sob a supervisão de Prof.^a Doutora Isabel Maria Marques Mesquita e Prof. Doutor Nuno Rebelo dos Santos (responsável/eis académico/s).

Universidade de Évora, 12 de julho de 2024

O Presidente da Comissão de Ética

(Prof. Doutor Hugo Miguel Cardinho Alexandre Folgado)

(Prof. Doutor Hugo Miguel Cardinho Alexandre Folgado)

Anexo E

Sistema completo das Categorias

26/03/2025 14:50

Estrutura do código

Sociedade narcisista e relações amorosas

26/03/2025 14:50

Nome hierárquico	Apelido	Agregar	Cor atribuída ao usuário
Código			
Códigos			
Códigos\\00 Narcisismo – Referências relativas ao narcisismo		Sim	Nenhum
Códigos\\00 Narcisismo\0.1 Grandioso - Componente Narcisismo Grandioso		Sim	Nenhum
Códigos\\00 Narcisismo\0.2 Vulnerável - Componentes do Narcisismo Vulnerável		Sim	Nenhum
Códigos\\00 Narcisismo\0.3 Não narcisismo - Respostas sem componente de narcisismo		Sim	Nenhum
Códigos\\00 Narcisismo\0.4 Outro narcisismo - Componentes relacionados a dinâmica de tempo compreendidos como faceta do narcisismo		Sim	Nenhum
Códigos\\01 Caracterização RA - Atributos de uma relação amorosa		Sim	Nenhum
Códigos\\01 Caracterização RA\1.1 Dinâmica relacional - Referências relativas a caracterização das relações amorosas com base no modo como as relações funcionam.		Sim	Nenhum
Códigos\\01 Caracterização RA\1.2 Natureza emocional - Referências relativas a características emocionais da relação amorosa.		Sim	Nenhum
Códigos\\01 Caracterização RA\1.3 Vínculo - Referências relativas a caracterização das relações amorosas a partir da natureza do vínculo.		Sim	Nenhum
Códigos\\02 Qualidade RA - Atributos de relação amorosa de boa qualidade		Sim	Nenhum
Códigos\\02 Qualidade RA\2.1 Autonomia - Referências relativas a qualidade das relações amorosas com base no equilíbrio entre a vida individual e na relação.		Sim	Nenhum
Códigos\\02 Qualidade RA\2.2 Compatibilidade Interesses - Referências relativas a qualidade das relações amorosas com base na compatibilidade em termos de valores e gestos.		Sim	Nenhum
Códigos\\02 Qualidade RA\2.3 Transparência Comunicação - Referências relativas a qualidade das relações amorosas com base na transparência da comunicação no que diz abertura e honestidade entre parceiros.		Sim	Nenhum
Códigos\\02 Qualidade RA\2.4 Conexão Emocional - Referências relativas a qualidade das relações amorosas com base na conexão emocional.		Sim	Nenhum
Códigos\\02 Qualidade RA\2.5 Demonstração de Afeto - Referências relativas a qualidade das relações amorosas com base na demonstração de afeto em ações de cuidado e carinho.		Sim	Nenhum
Códigos\\03 Importância RA - Razões pelas quais é importante estar em uma relação amorosa.		Sim	Nenhum
Códigos\\03 Importância RA\3.1 Satisfação Pessoal - Referências relativas a satisfação pessoal e bem-estar proporcionadas pela relação amorosa.		Sim	Nenhum
Códigos\\03 Importância RA\3.2 Suporte Emocional Afetivo - Referências relativas a importância da relação enquanto suporte emocional e afetivo.		Sim	Nenhum

Códigos\03 Importância RA\3.3 Evitar Solidão - Referências relativas a importância da relação amorosa para proteger da solidão.	Sim	Nenhum
Códigos\03 Importância RA\3.4 Construção Vida conjunto - Referências relativas a importância da relação enquanto processo para a construção de vida em conjunto.	Sim	Nenhum
Códigos\03 Importância RA\3.5 Não é importante - Referências relativas a respostas que não consideram importante estar em uma relação amorosa.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA - Desafios de uma relação amorosa.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA\4.1 Diferenças individuais- Referências relativas aos desafios vivenciados nas relações amorosas com base no autossacrifício e concessões necessários na relação.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA\4.2 Manutenção desejo - Referências relativas aos desafios vivenciados nas relações amorosas com base na manutenção do desejo.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA\4.3 Gestão rotina - Referências relativas aos desafios vivenciados nas relações amorosas com base na gestão da rotina.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA\4.4 Resolução conflitos - Referências relativas aos desafios vivenciados nas relações amorosas com base na resolução de conflitos.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA\4.5 Confiança - Referências relativas aos desafios vivenciados nas relações amorosas com base na confiança entre os parceiros.	Sim	Nenhum
Códigos\04 Desafios RA\4.6 Outros - Referências relativas outros aspectos relacionados aos desafios em uma relação amorosa.	Sim	Nenhum
Códigos\05 Parceiro - Qualidades procuradas em um parceiro amoroso.	Sim	Nenhum
Códigos\05 Parceiro\5.1 Amorosidade - Referências relativas ao que os participantes buscam no parceiro amoroso quanto características de amorosidade.	Sim	Nenhum
Códigos\05 Parceiro\5.2 Aspectos Físicos - Referências relativas ao que os participantes buscam no parceiro amoroso quanto aos aspectos físicos.	Sim	Nenhum
Códigos\05 Parceiro\5.3 Valores comuns - Referências relativas ao que os participantes buscam no parceiro amoroso quanto aos valores comuns.	Sim	Nenhum

Nome hierárquico	Apelido	Agregar	Cor atribuída ao usuário
Códigos\06 Sentir-se amado - Aspectos que fazem se sentir amado.		Sim	Nenhum
Códigos\06 Sentir-se amado\6.1 Validação Reconhecimento - Referências relativas ao modo que se sente amado/a nas relações amorosas demonstradas em validação e reconhecimento.		Sim	Nenhum
Códigos\06 Sentir-se amado\6.2 Acolhimento Emocional - Referências relativas ao modo que se sente amado/a nas relações amorosas demonstradas em acolhimento emocional.		Sim	Nenhum
Códigos\06 Sentir-se amado\6.3 Sentir Desejado - Referências relativas ao modo que se sente amado/a nas relações amorosas demonstradas em maneiras que se sente desejado/a física e sexualmente.		Sim	Nenhum
Códigos\06 Sentir-se amado\6.4 Ações Cotidianas - Referências relativas ao modo que se sente amado/a nas relações amorosas demonstradas em ações no cotidiano.		Sim	Nenhum
Códigos\06 Sentir-se amado\6.5 Outros - Outros aspectos referentes ao modo de se sentir amado/a.		Sim	Nenhum
Códigos\07 Intimidade - Como caracterizam a intimidade entre os parceiros.		Sim	Nenhum
Códigos\07 Intimidade\7.1 Aventura - Referências relativas ao modo que caracterizam a intimidade nas relações amorosas com base na novidade e diversão vividas na relação.		Sim	Nenhum
Códigos\07 Intimidade\7.2 Comunicação Aberta - Referências relativas ao modo que caracterizam a intimidade nas relações amorosas com base na comunicação aberta.		Sim	Nenhum

Códigos\07 Intimidade\7.3 Segurança Emocional - Referências relativas ao modo que caracterizam a intimidade nas relações amorosas com base na segurança emocional que o parceiro oferece.	Sim	Nenhum
Códigos\07 Intimidade\7.4 Afinidade física sexual - Referências relativas ao modo que caracterizam a intimidade nas relações amorosas com base na afinidade física e sexual entre parceiros.	Sim	Nenhum
Códigos\08 Alimentar a intimidade - Como alimentar a intimidade entre os parceiros.	Sim	Nenhum
Códigos\08 Alimentar a intimidade\8.1 Espaço Seguro - Referências relativas a maneiras de alimentar a intimidade nas relações amorosas com base em um espaço seguro.	Sim	Nenhum
Códigos\08 Alimentar a intimidade\8.2 Fuga rotina - Referências relativas a maneiras de alimentar a intimidade nas relações amorosas com base na criatividade em ações que promovam prazer na relação.	Sim	Nenhum
Códigos\08 Alimentar a intimidade\8.3 Vida sexual - Referências relativas a maneiras de alimentar a intimidade nas relações amorosas com base em uma vida sexual ativa.	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida - Prioridades de vida	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida\9.1 Profissional -	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida\9.2 Estabilidade Financeira - Respostas relativas a prioridade de vida dos participantes quanto a estabilidade financeira.	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida\9.3 Bens Materiais - Respostas relativas a prioridade de vida dos participantes quanto ao conforto material.	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida\9.4 Projetos Pessoais - Respostas relativas a prioridade de vida dos participantes quanto ao desenvolvimento pessoal.	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida\9.5 Saúde e bem estar - Respostas relativas a prioridade de vida dos participantes quanto a saúde e bem-estar.	Sim	Nenhum
Códigos\09 Prioridades de vida\9.6 Relacionamentos familiares - Respostas relativas a prioridade de vida dos participantes quanto ao desenvolvimento de relações familiares e fraternas	Sim	Nenhum
Códigos\10 Rel Atual Ult - Como caracterizam a relação amorosa atual ou a última no caso dos solteiros.	Sim	Nenhum
Códigos\10 Rel Atual Ult\10.1 Idealização - Referências relativas as características da atual ou última relação amorosa dos participantes no que refere as idealizações sobre a relação.	Sim	Nenhum
Códigos\10 Rel Atual Ult\10.2 Expectativa - Referências relativas as características da atual ou última relação amorosa dos participantes no que refere as expectativas sobre a relação.	Sim	Nenhum
Códigos\10 Rel Atual Ult\10.3 Experiência - Referências relativas as características da atual ou última relação amorosa dos participantes no que refere as experiências sobre a relação	Sim	Nenhum
Códigos\10 Rel Atual Ult\10.4 Segurança - Referências relativas as características da atual ou última relação amorosa dos participantes no que refere a segurança vivenciada na relação.	Sim	Nenhum
Códigos\11 Alteraria - Aspectos da atual ou última relação que gostaria que alterasse ou tivesse sido diferente.	Sim	Nenhum
Códigos\11 Alteraria\11.1 Aspectos Relação - Referências relativas aos aspectos que alteraria na atual ou última relação amorosa no que diz a relação em si.	Sim	Nenhum
Códigos\11 Alteraria\11.2 Aspectos Parceiro - Referências relativas aos aspectos que alteraria na atual ou última relação amorosa relacionadas ao parceiro.	Sim	Nenhum
Códigos\11 Alteraria\11.3 Aspectos Si Mesmo - Referências relativas aos aspectos que alteraria na atual ou última relação amorosa relacionadas a si mesmo.	Sim	Nenhum
Códigos\11 Alteraria\11.4 Nenhum Aspecto - Referências relativas aos aspectos que alteraria na atual ou última relação amorosa, sendo que não alterariam nenhum aspecto.	Sim	Nenhum
Códigos\12 Atualidade RA - Principais aspectos que caracterizam as relações amorosas na atualidade	Sim	Nenhum
Códigos\12 Atualidade RA\12.1 Descartáveis - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto a serem descartáveis.	Sim	Nenhum

Códigos\\12 Atualidade RA\12.2 Benefício Relação - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto ao benefício da relação para o próprio sujeito.	Sim	Nenhum
Códigos\\12 Atualidade RA\12.3 Egocentrismo - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto a ênfase em si mesmo.	Sim	Nenhum
Códigos\\12 Atualidade RA\12.4 Superficialidade Emocional - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto a superficialidade emocional.	Sim	Nenhum
Códigos\\12 Atualidade RA\12.5 Foco Redes Sociais - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto ao foco nas redes sociais.	Sim	Nenhum
Códigos\\12 Atualidade RA\12.6 Questões Familiares - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto a questões familiares.	Sim	Nenhum

Nome hierárquico	Apelido	Agregar	Cor atribuída ao usuário
Códigos\\12 Atualidade RA\12.7 Outros - Referências relativas a maneira como os participantes caracterizam as relações amorosas na atualidade quanto a outros aspectos.		Sim	Nenhum